

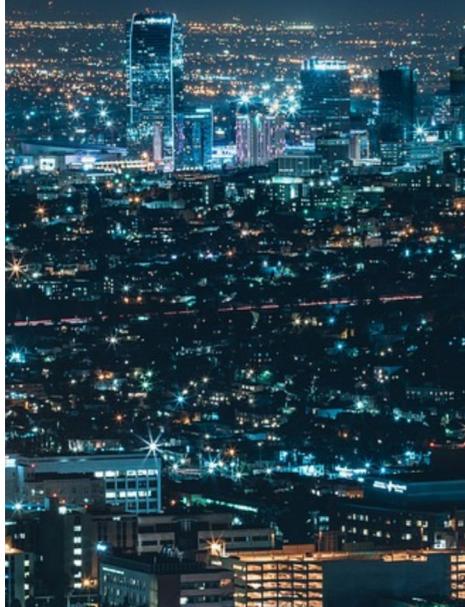


revista cristã
última chamada

César Francisco Raymundo

**Ano 70 d.C.
2ª Vinda
Mateus 24**

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

[www.
revistacrista
.org](http://www.revistacrista.org)

Ano 70 d.C.

2ª Vinda

Mateus 24

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Ano 70 d.C., Segunda Vinda e Mateus 24

Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada

- Edição extra - Junho de 2017 -

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina, Paraná,
Junho de 2017.

Índice

Sobre o autor.....	08
Introdução: O Ano 70 d.C. é o assunto do Sermão Profético de Mateus 24.....	09
Parte 1 _____	
A Segunda Vinda de Cristo em Mateus 24?	
.....	15
O Argumento da “Declaração Final”	17
• Refutação.....	18
O Argumento sobre o “Indicador de Transição”	18
• Refutação.....	19
O Argumento sobre a “Limitação e Humilhação de Cristo”.....	21
• Refutação.....	22
O Argumento sobre os “Indicadores Temporais”	24
• Refutação.....	24
O Argumento sobre a “Distinção Demonstrativa”	30
• Refutação.....	31
O Argumento sobre as “Perspectivas de Observação”	32
• Refutação.....	34
O Argumento sobre os “Múltiplos Dias”	36
• Refutação.....	37

O Argumento dos “Medos de Decepção”	38
• Refutação	39
O Argumento dos “Contrastes Sociais”	40
• Refutação	41
O Argumento da “Oportunidade de Fuga”	41
• Refutação	42
O Argumento do “Contraste Escatológico”	44
• Refutação	44
O Argumento sobre a “Duração Temporal”	46
• Refutação	47
Uma Advertência e uma Segunda Vinda ainda nosso Futuro!.....	51
Parte 2 _____	
Qual a importância do Significado do Ano 70 d.C. para a Escatologia Bíblica?	53
O Ano 70 d.C. é o Tema de Apocalipse.....	57
Parte 3 _____	
A Literalidade da Ressurreição e Ascensão Garante uma Segunda Vinda Literal!	64
A Natureza da Ressurreição de Cristo.....	67
A Natureza da Ascensão de Cristo.....	71
Esse Jesus... virá do mesmo modo como o vistes partir.....	75
Conclusão	82
Bibliografia	83
Obras importantes para pesquisa	88

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

- Introdução -

O Ano 70 d.C. é o assunto do Sermão Profético de Mateus 24

Quando se trata do fim do mundo ou da Segunda Vinda de Cristo, é muito comum que os pregadores e os crentes em geral apelem para Mateus capítulo 24. Neste texto, temos vários sinais, tais como: guerras, rumores de guerras e terremotos, apontado para a proximidade do fim e da vinda de Cristo. Ao contrário da crença popular, o texto de Mateus 24, desde cedo na igreja primitiva, foi entendido como uma referência a “vinda” de Cristo em juízo contra a cidade de Jerusalém (que ocorreu no ano 70 d.C.), e não como um indicador do fim do mundo e da Segunda Vinda de Cristo.

Uma leitura honesta do texto em questão mostrará que de fato Jesus não prevê um ambiente milhares de anos depois dos discípulos, pelo contrário, o que Jesus ali profetiza só pode ser enquadrado no primeiro século da era cristã, nos tempos da igreja primitiva. A ideia de mulheres grávidas tendo que evitar fugir no inverno ou no Sábado, pessoas fugindo para os montes de Israel para evitar entrar em Jerusalém, discípulos sendo perseguidos nas sinagogas, de fato nos mostram um ambiente que só pode se enquadrar no primeiro século da era cristã. Eis o motivo do por que muita gente tem dificuldade de interpretar e encaixar Mateus capítulo 24 em nosso tempo.

Mateus 24 também é conhecido como o “Sermão Profético” ou “Discurso das Oliveiras”. Os textos paralelos a ele estão em Marcos 13 e Lucas 21. É muito importante no estudo de Mateus 24

apelarmos para os textos paralelos, pois, principalmente o de Lucas 21, nos ajuda a esclarecer pontos obscuros de Mateus 24. O capítulo 24 de Mateus é um dos cinco principais discursos de Jesus que estruturam o Evangelho de Mateus. O motivo de seu pronunciamento surgiu da curiosidade e expectativa dos discípulos. Observe o motivo impulsionador do discurso de Jesus:

“Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo.

“Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada”. (Mateus 24:1-2)

A essa altura os discípulos estavam perplexos com as declarações e denúncias dramáticas que Jesus proferiu contra a cidade de Jerusalém e o templo (Mateus 23:37-38). O templo era considerado como se fosse o próprio Deus na terra, pois era o símbolo máximo da religião judaica. Para eles qualquer coisa poderia dar errado em Israel, menos no templo. O que os discípulos ouviram em Mateus capítulo 23, mais a declaração de Jesus sobre a destruição do templo, foi algo extremamente arrasador para eles. A destruição do templo significava o fim e o povo judeu indo para o exílio- como aconteceu no passado. Tudo isso deve ter passado na mente daqueles discípulos. Da perplexidade por causa da destruição do templo, os discípulos questionaram Jesus com essas palavras:

“No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século”. (Mateus 24:3)

O povo judeu, cuja orientação temporal era voltada para o tempo presente, não tinham o apego que hoje temos pelo futuro. A

curiosidade dos discípulos ao querer saber sobre “quando” se sucederia a destruição do templo, era, provavelmente, voltada sobre a ideia de que se eles seriam aqueles que veriam essas coisas. Quando os discípulos associaram a destruição do templo com a consumação do século e a “vinda” de Cristo, eles não estavam pensando na Segunda Vinda tal qual entendemos hoje, mesmo porque Jesus ainda não havia nem morrido e ressuscitado ao terceiro dia. Aliás, a ideia de um Messias sofredor que morreria e ressuscitaria era obscura para eles. Eles nem entendiam a real missão de Jesus. Para eles Jesus seria um Messias político que ainda naquele tempo os libertaria do poder de Roma. A ignorância dos discípulos sobre a missão de Jesus se vê claramente nas seguintes passagens:

“...porque ensinava os seus discípulos e lhes dizia: O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará.

Eles, contudo, não compreendiam isto e temiam interrogá-lo”.

(Marcos 9:31-32 – o grifo é meu)

“Reunidos eles na Galileia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. **Então, os discípulos se entristeceram grandemente”.**

(Mateus 17:22-23 – o grifo é meu)

“...e ele disse aos discípulos: — Não esqueçam o que vou dizer a vocês: o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens.

Mas eles **não entenderam isso**, pois o que essas palavras queriam dizer **tinha sido escondido deles para que não as entendessem**. E eles estavam com medo de fazer perguntas a Jesus sobre o assunto”.

(Lucas 9:43-45 – o grifo é meu)

Havia entre os primeiros discípulos o entusiasmo de andarem com o Messias “político” e não tinha em seus corações espaço para a aceitação da morte na cruz. Embora a ressurreição de Cristo fosse a vitória, não havia entre eles um entendimento sobre a mesma, e morte na cruz seria o fracasso. Isto se vê claramente refletido quando após a Sua ressurreição Jesus encontra dois discípulos a caminho da cidade de Emaús:

“Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?

Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram.

Ora, **nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel**; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam”.

(Lucas 24:18-21 – o grifo é meu)

Portanto, diante desse fatos, fica claro que os discípulos não perguntaram a Jesus em Mateus 24:3 sobre o Seu retorno (ou Segunda Vinda) como muitos sugerem, mas sobre Sua vinda como Messias político que iria os libertar do poder de Roma e trazer a era messiânica. Após a ressurreição, tal entendimento errado foi corrigido por Jesus. No decorrer do capítulo 24 de Mateus fica claro em todas as palavras de Jesus que a destruição do templo e os sinais do fim (não do mundo, mas o fim da era judaica) seriam presenciados pela igreja primitiva. Alguns discípulos estariam vivos para ver muitos dos eventos profetizados por Cristo. Somente o apóstolo João esteve vivo para ver Jerusalém destruída após o ano 70 d.C.

Chamamos de “Preterismo” o cumprimento passado dessas profecias de Mateus capítulo 24. Um preterista é alguém que crê que

a grande maioria das profecias escatológicas foram cumpridas no passado com a queda e destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C. Esse Preterismo aqui defendido por mim, chama-se “Preterismo Parcial”, porque ainda creio que haverá o cumprimento da profecia do crescimento e da conquista do Reino de Deus no mundo inteiro, bem como a Segunda Vinda de Cristo, o Arrebatamento dos vivos, a Ressurreição dos mortos e o Juízo Final. E é justamente aqui que gostaria de destacar o ponto principal deste e-book, ou seja, é que no Preterismo Parcial existem duas correntes de pensamento sobre se os 51 versículos de Mateus capítulo 24 teriam ou não se cumprido integralmente dentro do primeiro século da era cristã. Alguns preteristas parciais (como é o caso do Dr. Kenneth L. Gentry Jr.) acreditam que os primeiros 34 versículos de Mateus 24 foram cumpridos antes do ano 70 d.C. e, que, o restante que vai do versículo 36 ao 51, seria uma referência a Segunda Vinda de Cristo, ainda em nosso futuro.

Esta posição do Dr. Gentry destaca que Mateus 24 pode ser dividido em dois assuntos, ou seja, os sinais e a Grande Tribulação que tratam da destruição de Jerusalém e seu templo ficam no passado, na geração da igreja primitiva. O versículo 34 fecharia essa questão quando Jesus disse:

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”.

Então, a partir do versículo 36, segundo Gentry, Jesus parece mudar de tom e de assunto quando disse:

“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai”.

Na verdade, creio que essa ideia de Jesus ter mudado de assunto no versículo 36, para falar de Sua Segunda Vinda, não passa de uma

mera impressão. De fato o texto “parece” dar essa impressão de mudança de assunto. Embora não seja heresia e nem pecado defender essa posição do Dr. Gentry, eu não concordo com a mesma. Defendo aqui que o Sermão profético de Mateus 24 com seus 51 versículos foi cumprido integralmente até o ano 70 d.C. Também defendo que não há qualquer base para uma Segunda Vinda de Cristo dentro do Sermão Profético. A seguir, no próximo tópico, vou analisar todos os pontos de argumentação do Dr. Gentry, e em cada tópico, darei uma resposta fundamentada na Bíblia.

- Parte 1 -

A Segunda Vinda de Cristo em Mateus 24?

Confesso que me causou estranheza quando descobri que alguns estudiosos do Preterismo Parcial dividem Mateus 24 em dois temas. Quando conheci outras ideias pessimistas sobre Mateus 24 (especialmente o Dispensacionalismo), nunca vi alguém que sugerisse que Mateus 24 poderia ser dividido em dois temas. Eu, por exemplo, quando era dispensacionalista, acreditava que a “geração” que viu Israel nascer como nação novamente em 14 de maio de 1948, seria a “última geração”, e na sequência das profecias sendo cumpridas, viria o dia e a hora da Segunda Vinda de Cristo (sete anos após o arrebatamento).

Os defensores da heresia chamada Preterismo Completo* também não fazem essa divisão em Mateus 24. O Dr. Gentry, a quem vou refutar a tese de que Mateus 24 fala sobre dois assuntos distintos, coloca a questão da seguinte maneira:

“Neste discurso, Jesus profetiza a próxima destruição do templo a partir do ano 70 d.C. Mas ele faz mais. Consideremos a questão de saber se ele se refere ou não ao Segundo Advento de Cristo. Como J. A. Gibbs (Jerusalém e Parousia), R. T. França (O Evangelho segundo Mateus), e outros argumentam, o Discurso das Oliveiras tem uma estrutura de duas partes que corresponde às duas perguntas dos discípulos em Mateus 24:3:

Nota: Preterismo Completo é um sistema de interpretação que diz que a todas as profecias da Bíblia foram cumpridas até o ano 70 d.C., quando da destruição de Jerusalém pelos romanos.

“Enquanto ele estava sentado no Monte das Oliveiras, os discípulos vieram a Ele em particular, dizendo: Diga-nos, quando acontecerão estas coisas, e qual será o sinal de Sua vinda e do fim dos tempos?”

Sua primeira pergunta sobre “quando” a destruição do templo irá ocorrer: é respondida nos versos 4-31. A segunda pergunta referente sobre “qual” será o sinal de “Sua vinda”: isso é respondido em 24:36-25:46.

Mas como sabemos que esta é a estrutura pretendida da passagem? Uma coisa é declarar uma estrutura de duas partes enquanto outra é provar isso.

Veamos agora a evidência de que Jesus está deslocando sua atenção da destruição do templo no ano 70 d.C. para sua segunda vinda no final da história. [...] apresentarei mais de uma dúzia de argumentos para a transição em Mateus 24”.¹

Essa “mais de uma dúzia de argumentos para a transição em Mateus 24”, está na lista a seguir:

- Argumento da “Declaração Final”
- Argumento sobre o “Indicador de Transição”
- Argumento sobre a “Limitação e Humilhação de Cristo”
- Argumento sobre os “Indicadores Temporais”
- Argumento sobre a “Distinção Demonstrativa”
- Argumento sobre as “Perspectivas de Observação”
- Argumento sobre os “Vários Dias”
- Argumento dos “Medos de Decepção”
- Argumento dos “Contrastes Sociais”
- Argumento da “Oportunidade de Fuga”
- Argumento do “Contraste Escatológico”
- Argumento sobre a “Duração Temporal”

Cada um desses argumentos serão analisados e refutados nos próximos tópicos. Lembrando mais uma vez, o fato de Gentry defender a posição de que Mateus 24 pode ser dividido em dois

assuntos não faz dele um herege. Aliás, tenho feito uso da maioria esmagadora de seus artigos e livros, como também tenho publicado seus artigos em forma de e-book.

Com certeza não estamos alinhados a respeito desse assunto de Mateus 24, isto devido à minha familiaridade com o texto. Sei muito bem que o fato da pessoa ser doutor, não faz dela conhecedor de todas as coisas. Há outros doutores em teologia que também discordam de Gentry nessa questão do tema de Mateus 24. Vamos aos argumentos.

O Argumento da “Declaração Final”

“Por toda a parte Mateus 24:34 funciona como uma declaração final; parece acabar com a profecia anterior: *“Em verdade, eu digo a vocês que esta geração não passará até que todas essas coisas aconteçam”*.”

Por que essa afirmação seria inserida um quarto do caminho através do discurso, se ela tratasse na sua totalidade com eventos que deveriam ocorrer em *“esta geração”*? Tal não faria sentido. Isso seria como alguém dando um discurso, e depois de quinze minutos dizendo: *“Em conclusão”*, depois continuando o discurso por mais quarenta e cinco minutos.

Consequentemente, devemos entender Mateus 24:34 como servindo para fechar uma parte do Discurso. Neste ponto, Jesus está anunciando que ele respondeu à pergunta dos discípulos sobre *“quando”* estas coisas devem acontecer (Mateus 24:3). Ele ainda tem sua próxima pergunta perante ele. Isso significa que o seguinte material se relaciona com eventos que não ocorrem em *“esta geração”*. Assim, todas as profecias antes do versículo 34 devem ser transmitidas dentro da própria geração do primeiro século dos discípulos”.²

Refutação

Mateus 24:34 não é uma declaração final que parece acabar com a profecia anterior. O que acontece é que no verso 34 Jesus deixa claro para os discípulos que era a geração deles que veria todos aqueles sinais e acontecimentos finais antes da destruição do templo. Outro detalhe, no verso 34 Jesus não está dando uma pausa para depois continuar o discurso. O que se vê claramente é que o discurso muda de tom. Antes do verso 34 ele fala em detalhes o que iria acontecer naquela geração dos discípulos, bem como dá detalhes sobre como se comportar e escapar das tribulações que viriam. Do verso 36 para frente começa uma série de advertências sobre como não ser pego de surpresa no dia do Senhor contra Jerusalém.

O Argumento sobre o “Indicador de Transição”

“Em Mateus 24:36, encontramos um dispositivo de transição de assunto: *“Mas daquele dia e hora que ninguém sabe”*. A frase introdutória aqui no grego é: *peri de* (mas de, em relação). Esta estrutura gramatical sugere uma transição na passagem envolvendo uma mudança de assunto. Podemos ver esta frase frequentemente marcando novos materiais, como em Mateus 22:31; Atos 21:25; 1ª Tessalonicenses 4:9. France observa que o versículo 36 “marca uma mudança deliberada de assunto”. Em outros lugares, ele declara que é uma “fórmula retórica para um novo começo”. John Nolland (O Evangelho de Mateus) concorda quando afirma que *peri* possui funções em Mateus 24:36 como “uma peça introdutória para 24:37-25:30”.

Além disso, Gibbs demonstra que a preposição solitária *peri* por si só pode ter uma força remanescente. Ou seja, *peri* (“concernente”) pode pegar em um assunto abordado anteriormente em uma narrativa, servindo como um sinal de que o falante está retornando a essa questão mais uma vez.

Assim, em Mateus 24:36, *perí* volta para a segunda pergunta dos dois discípulos que foram feitas no verso 3. Tendo tratado sua primeira pergunta nos versos 4-35, Ele agora volta a considerar a segunda. Com esta estruturação da passagem vemos que o verso 36 introduz novos materiais diferentes dos versos 4-35. Neste ponto, Ele se afasta da profecia do ano 70 d.C. e começa a falar de seu segundo advento no “fim da era”, que Ele irá cobrir em 24:36-25:46”.³

Refutação

Não tenho discordância alguma das explicações gramaticais do tópico anterior. De fato, e de verdade, há uma mudança de tom no discurso de Jesus. Ele realmente passa a explicar sobre o dia e a hora de Sua “vinda”. O problema é que os intérpretes citados por Gentry colocam no texto uma coisa que não está lá, ou seja, que essa “vinda” seria a Segunda Vinda no fim da história. Lembra-se que na introdução deste e-book expliquei que os discípulos não estavam perguntando sobre a Segunda Vinda? E nem poderiam! Pois Jesus não havia morrido e ressuscitado ainda (fato este que eles nem entendiam). E nem eles imaginavam que após a ressurreição ocorreria a Ascensão do Senhor de corpo e alma.

Não poderia Jesus estar introduzindo aqui um material sobre Sua Segunda Vinda, haja vista que Ele não introduz nada novo. Ele responde nos moldes que os discípulos entendiam acerca de sua vinda. Ora, os discípulos já estavam familiarizados com a ideia de que Cristo voltaria em juízo contra aquela geração. Isto vemos três capítulos antes de Mateus 24, na parábola da vinha:

“Quando, pois, **vier o senhor da vinha**, que fará àqueles lavradores?

Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos”.

“Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.

Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava...”.

(Mateus 21:40-41, 43-45 – o grifo é meu)

A essa altura, em Mateus 24, os discípulos já estavam familiarizados com as diversas advertências de Jesus contra aquela geração. Sua vinda em juízo claramente entendida pelos “*principais sacerdotes e os fariseus*” já era assunto corrente quando os discípulos fazem as perguntas sobre o sinal de sua vinda em Mateus 24:3. O capítulo 23 de Mateus que serve de grande introdução ao capítulo 24 deve ser leitura obrigatória para quem quer entender o Sermão profético. Uma vez que o assunto de Mateus 24 é a destruição do templo, e os discípulos estavam familiarizados com a “vinda” em juízo, porque, então, deveríamos acreditar que Cristo estivesse fazendo referência a uma Segunda Vinda milhares de anos depois?

Embora seja um preterista completo, James Stuart Russell responde bem a essa questão:

“Embora o nosso Senhor previu e estabeleceu os prazos dentro dos quais se realizam a consumação, ainda há um grau de incerteza sobre o momento da sua chegada. Ele não especificou a data exata, nem “o tempo, nem o dia” ou até mesmo mês e ano. Isso não significa que toda a questão do tempo tem deixado indeterminado: ele apenas se refere à data precisa. A consumação cairia dentro do prazo da geração existente, mas o tempo preciso do sino da desgraça cujo o som não foi revelado ao homem, nem a anjo, nem (o que é ainda mais estranho) ao Filho do homem. Era o segredo que o Pai “coloca em seu próprio poder”.

Certamente havia razões suficientes para essa reserva. Se tivesse especificado “dia e hora” - ele diria: “No trigésimo sétimo ano, no mês sexto, no oitavo dia do mês, a cidade será tomada e o templo destruído pelo fogo” - não só teria sido inconsistente com a forma de profecia, mas isso teria removido uma das motivações mais fortes para a vigilância constante e oração - a incerteza do momento”.⁴

A ideia que Mateus 24 nos traz é mais ou menos parecida com o nascimento de uma criança. Uma criança demora nove meses para nascer. Embora seja esse o prazo do nascimento, não é possível saber dia ou hora exata do mesmo. Jonathan Crosby explicou bem essa questão:

“O contexto geral de Mateus 24:40-41 é o capítulo inteiro, que está lidando com a vinda do Senhor Jesus em poder e juízo sobre a nação de Israel em 70 d.C.

O contexto imediato é uma advertência pessoal “daquele dia e hora” (24:36). **Tendo predito que todos os eventos ocorreriam dentro daquela geração (24:34-35), nosso Senhor exorta à vigilância e fidelidade devido ao tempo desconhecido daqueles eventos**”.⁵

(o grifo é meu)

O Argumento sobre a Limitação e Humilhação de Cristo

“Concentrando-se novamente em Mateus 24:36, lemos: *“Mas daquele dia e da hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas o Pai somente”*. Aqui, Cristo afirma que, em seu estado de humilhação (o período desde o tempo de Sua concepção terrena dentro do ventre de Maria até Sua glorificação em Sua ressurreição) Ele próprio não tem conhecimento sobre quando *“esse dia e hora”* ocorrerão. Mas de que *“dia e hora”* ele está falando?

Ele deve estar falando sobre o seu segundo advento no futuro, porquê na seção anterior de seu Discurso ele diz aos discípulos que serão dados numerosos sinais, mas que “o fim [do templo] ainda não existe” (Mateus 24:6). Isso indica que ele definitivamente sabe quando esse evento ocorrerá. Ele também ensina dogmaticamente que essas coisas anteriores certamente acontecerão em “esta geração” (24:34).

Assim, como observa Nolland:

“Há um contraste deliberado entre o tom confiante dos materiais preditivos até agora no capítulo, o clímax no verso 34 e a insistência atual que só o Pai sabe”.⁶

Refutação

Uma análise cuidadosa de Mateus 24:6 revelará que o argumento acima não procede. Observe:

“E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim”.

Isto não indica que Ele sabia exatamente “*o dia e a hora*” da destruição do templo. O que se vê é que até certa altura Ele deixa claro Seu conhecimento sobre a proximidade do fim. O versículo 14 mostra claramente que o fim vem **depois** que o evangelho do reino fosse pregado, para testemunho a todas as nações dentro dos limites do Império Romano ou “terra habitada” (*oikoumene*, em grego). Só que, mais uma vez, vemos que não há datação exata sobre “o dia e a hora” do fim.

É curioso que o evangelho do Reino já havia sido pregado sido pregado em todo o mundo romano ainda nos tempos do apóstolo Paulo, veja:

“Primeiramente dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos, **porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé**”.

(Romanos 1.8 – o grifo é meu)

“Mas digo: Porventura não ouviram? Sim, por certo, pois **por toda a terra saiu a voz deles, e as suas palavras até aos confins do mundo**”.

(Romanos 10.18 – o grifo é meu)

“Por causa da esperança que vos está reservada nos céus, da qual já antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, que já chegou a vós, como **também está em todo o mundo**; e já vai frutificando, como também entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade”.

(Colossenses 1.5-6 – o grifo é meu)

“Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, **o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu**, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro”.

(Colossenses 1.23 – o grifo é meu)

“Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, **para que por mim fosse cumprida a pregação, e todos os gentios a ouvissem**; e fiquei livre da boca do leão”.

(2ª Timóteo 4.17)

A maioria dos estudiosos dizem que a carta aos romanos foi escrita nos anos 57/58 d.C. A carta aos Colossenses foi provavelmente escrita entre os anos 58-62 d.C. E, por fim, a carta de 2ª Timóteo foi escrita em aproximadamente no ano de 67 d.C., pouco antes do apóstolo Paulo ser condenado à morte. O que todas essas datas nos revelam? Nos revelam que uma década ou mais antes da destruição de Jerusalém, o evangelho já havia sido pregado conforme Jesus disse, e na sequência, veio o fim, o qual Jesus não disse exatamente

quando viria – se uma década depois ou não da pregação do evangelho do Reino. O fato do Senhor mostrar confiante em suas predições até o verso 34 não prova que o “dia e a hora” que só o Pai sabia seria ou não a Segunda Vinda de Cristo.

O Argumento sobre os “Indicadores Temporais”

“Enquanto continuamos a olhar para Mateus 24:36, também observamos que não possui nenhum marcador de transição temporal para vinculá-lo aos eventos anteriores. É totalmente desconectado do material anterior em termos de progressão temporal. Isso é surpreendente no fato de que, no material anterior, vemos um progresso histórico bem conectado com as declarações “então” recorrentes (24:9, 14, 16, 21, 23, 30), bem como uma declaração [temporal] de “*imediatamente após*” (24:29).

Mas quando Cristo faz a declaração em Mateus 24:36, não ouvimos nada que a ligue com o material anterior. Nós ouvimos absolutamente nenhum “*então*” ou “*depois*”, nem qualquer outro indicador de progresso temporal desse tipo. Assim, como a France observa:

“Seu conteúdo se distingue da sequência histórica até então descrita”.

Isso ocorre porque está distante dos eventos do ano 70 d.C.”⁷

Refutação

Não há a partir do verso 36 de Mateus 24 nenhum material que ligue aos versículos anteriores por uma simples razão já falada anteriormente. É que nos versículos anteriores temos um detalhamento dos acontecimentos, ao passo que do versículo 36 para a frente temos palavras de advertência e vigilância. As palavras nos

versos posteriores ao verso 36 são de comparação a outras cenas de juízo do passado.

Observe:

“Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem.

Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.

Então, dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro; duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra”.

(Mateus 24:37-41)

Temos nesses versículos uma cena de juízo. Aliás, o tema de Mateus 24 é o juízo contra Jerusalém e a nação de Israel. O Senhor compara sua vinda com o dia do dilúvio. Quem o dilúvio *“levou”*? Todos os que foram condenados! Ser tomado não é ser arrebatado! Neste tipo de linguagem quem é *“deixado”* é aquele que não foi condenado no juízo.

Essas palavras encontradas nos versos 37-41 refutam de vez que a partir do versículo 36 Jesus estaria falando sobre Sua Segunda Vinda, pois tais versos encontram paralelo com Lucas 17, onde Jesus fala como seria a manifestação plena de Seu Reino durante o cerco a Jerusalém:

“Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência.

Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós.

A seguir, dirigiu-se aos discípulos: Virá o tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis.

E vos dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Não vades nem os sigais; porque assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do Homem.

Mas importa que primeiro ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por esta geração.

Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem: comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos.

O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e destruiu a todos. 30 Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar.

Naquele dia, quem estiver no eirado e tiver os seus bens em casa não desça para tirá-los; e de igual modo quem estiver no campo não volte para trás.

Lembrai-vos da mulher de Ló.

Quem quiser preservar a sua vida perdê-la-á; e quem a perder de fato a salvará.

Digo-vos que, naquela noite, dois estarão numa cama; um será tomado, e deixado o outro; duas mulheres estarão juntas moendo; uma será tomada, e deixada a outra.

[Dois estarão no campo; um será tomado, e o outro, deixado.]

Então, lhe perguntaram: Onde será isso, Senhor? Respondeu-lhes: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também os abutres”.

(Lucas 17:20-37)

Temos aqui palavras semelhantes a de Mateus 24:37-41. De fato temos uma referência ao cerco a Jerusalém. O Dr. Gentry contesta isto:

“Enquanto discuto em vários lugares em meus escritos, Mateus 24 está respondendo duas perguntas dos discípulos. Eles assumem que a destruição do templo significa a destruição do mundo (Mateus 24:1-3). Mas Jesus separa a destruição do templo da segunda vinda e do fim da história. Nós o vemos traçando uma

linha entre os dois eventos entre os versículos 34 e 36 em Mateus 24.

Alguns veem um problema com isso devido a Lucas 17. Eles argumentam que, por causa de Lucas 17, Mateus 24 na sua totalidade deve se concentrar no ano 70 d.C. Isso ocorre porque Lucas 17 parece misturar o material que reivindicamos e é tão bem estruturado e ordenados em Mateus 24. E, se for assim, não temos mais nenhuma garantia para separar os dois eventos.

Em resposta, gostaria de observar o seguinte.

...acredito que devemos reconhecer uma transição em Mateus 24:34-36. Sendo assim, como explicamos o problema da “mistura” de Lucas com o material de Mateus 24? Isso leva ao meu segundo ponto.

Em segundo lugar, os dois textos [Mateus 24 e Lucas 17] registram diferentes sermões. O Senhor apresenta o discurso registrado em Mateus 24 no Monte das Oliveiras (Mateus 24:3), depois de terem observado Jerusalém (Mateus 23:37). Enquanto em Lucas 17 ele está a caminho de Jerusalém (Lucas 17:11; 18:31; 19:11). Em Mateus, Jesus está respondendo aos discípulos sobre sua pergunta sobre o futuro do templo (Mateus 24:1-3). Em Lucas 17 ele está interagindo com os fariseus (Lucas 17:20-23) sobre a vinda do reino, quando ele se volta para falar com os discípulos. Ninguém está comentando sobre o templo, como em Mateus 24:1-2. Na verdade, encontramos a versão de Lucas do Discurso das Oliveiras quatro capítulos depois em Lucas 21:5-24.

Como Morris observa sobre os liberais que argumentam que Lucas coloca esse ensino no contexto errado:

“É muito melhor aguentar isso... Jesus [ou] pronunciou as palavras em mais de uma ocasião ou... Lucas está corretamente aplicando-os a outra situação” (Morris, Atos, 286).

Então, não importa o que Jesus está falando, Lucas não está mudando o material ao redor. Ele está gravando completamente um sermão diferente”.⁸

Tenho razões de sobra para acreditar que em mais de uma ocasião o Senhor Jesus pronunciou suas palavras de juízo contra Jerusalém. Lucas capítulo 17 é um exemplo disso. O que se deve observar é que as palavras foram faladas em contextos diferentes. No caso de Lucas 17 Gentry está correto quando diz que Jesus “está interagindo com os fariseus... sobre a vinda do reino”, mas Ele acrescenta que a vinda do Reino em plenitude se dará no cerco a Jerusalém.

Gentry continua:

“...a semelhança [entre Mateus 24 e Lucas 17] não implica em identidade. Ou seja, porque profecias similares ocorrem em Mateus 24, como em Lucas 17, não significa que elas se aplicam aos mesmos eventos. Vemos que expressões semelhantes não exigem realidades idênticas quando a Escritura se refere a Cristo como um “leão” em alguns lugares (Apocalipse 5:5), enquanto que em outros lugares chama Satanás de “leão” (1ª Pedro 5:8). Considere o conceito profético de “o dia do Senhor”. Como observo [...] no Antigo Testamento ocorre em vários lugares e se aplica a diferentes julgamentos históricos. Por exemplo, o dia do Senhor vem sobre Babilônia, Idumea e Judá (Isaías 13:6, 9; Ezequiel 13:5; Joel 1:15; 2:1, 11; Amós 5:18; 20; Obadias 15; Zacarias 1:7; Malaquias 4:5). Embora o idioma seja o mesmo (afinal, todas as guerras são basicamente semelhantes) e a frase ocorre no singular (o que sugere que há apenas um dia do Senhor), e estes devem ser eventos diferentes”.⁹

Concordo que a semelhança entre textos não implica em identidade. Todavia, não dá para fugir do fato de que a mesma linguagem é usada em contextos que falam da destruição de Jerusalém e o templo. É bem possível (conforme eu já disse) que Jesus tenha falado sobre o mesmo assunto em diferentes ocasiões.

Um detalhe deve chamar-nos a atenção, isto é, a ausência total da ressurreição dos mortos em Mateus 24. Vemos, muitas vezes, nos textos que falam sobre a Segunda Vinda, que a ressurreição dos mortos e o arrebatamento estão sempre presentes. É muito curioso que nas ocasiões em que pronunciou sobre a ressurreição do último dia, o Senhor não tenha feito referência sobre o assunto de Mateus 24.

Por fim, os versículos 42-44 provam de vez que Jesus não está se referindo a Sua Segunda Vinda a partir do versículo 36 de Mateus 24 (observe as palavras grifadas):

“Portanto, vigiai, porque **não sabeis** em que dia vem o vosso Senhor.

Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa.

Por isso, **ficai também vós apercebidos**; porque, à hora em que **não cuidais**, o Filho do Homem virá”.

(Mateus 24:42-44 – o grifo é meu)

A segunda pessoa do plural “vós” pode ser rastreada desde o começo de Mateus 24, sendo essa palavra uma clara evidência de que o público alvo de Jesus eram os discípulos. O seu público alvo não muda até o final do capítulo 24 de Mateus, indicando assim que eram os discípulos que deveriam estar preparados para os eventos apocalípticos de Mateus 24. Os versículo 42-44 de Mateus 24 encontram eco mais forte ainda em Lucas 21:34-36:

“**Acautelai-vos por vós mesmos**, para que nunca **vos** suceda que o **vosso coração** fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que **aquele dia** não venha sobre **vós** repentinamente, como um laço.

Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra.

Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem”.

Lucas 21, sendo um paralelo de Mateus 24, ao falar exatamente do mesmo assunto do Sermão Profético, registra as palavras acima depois da frase *“Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que tudo isto aconteça”* (verso 32). Observe que Lucas não fala a respeito do desconhecimento de Cristo a respeito *“daquele dia e hora”*, mas dá ênfase aos discípulos quando diz *“acantelai-vos por vós mesmos”* e, refere-se *“aquele dia”* como um dia que virá *“repentinamente, como um laço”*, tudo isto dentro de um contexto sobre Jerusalém sitiada de exércitos e o templo sendo destruído.

O texto de Lucas 21 ajuda a refutar a ideia de que o Sermão profético tenha duas partes, ora uma sobre a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., ora outra sobre a Segunda Vinda de Cristo no fim da história. Temo que assim como os futuristas, alguns preteristas parciais - para defender seu ponto- estão concentrando demais a preferência sobre o texto de Mateus 24.

Antes que algum especulador venha me questionar sobre a frase que diz: *“há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra”*, e dizer que a mesma refere-se a Segunda Vinda de Cristo para todo o Planeta Terra, sugiro a leitura do e-book *“Quem são ‘aqueles que habitam sobre a terra’ descritos no livro do Apocalipse”* de autoria de Kenneth L. Gentry Jr. Nesse e-book, o leitor saberá que *“toda a terra”* em Lucas 21 é uma referência à terra de Israel.

O Argumento sobre a “Distinção Demonstrativa

“Mateus 24:34-36 fornece mais evidências de uma transição de assunto. Jesus contrasta com eventos próximos e distantes:

“Em verdade, eu digo a vocês que esta geração não passará até que todas essas coisas aconteçam”.

(Mateus 24:34)

“Mas daquele dia e da hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas o Pai somente”.

(Mateus 24:36)

Nessa passagem, “esta geração” está em contraste com [a frase] “daquele dia”. Com estas palavras, o Senhor olha para além dos sinais que acabamos de dar para “esta geração” ([esta, no grego é] *haute*, um demonstrativo próximo, 24:34) para o evento “daquele dia” (*ekeines* [no grego], demonstrativo distante) (24:36). Assim, a atenção do Senhor se volta para o seu distante segundo advento no final da história”.¹⁰

Refutação

É fato – baseado em Mateus 24 – que no decorrer da geração da igreja primitiva, todos os sinais descritos iriam ocorrer. Todavia, o dia e a hora da queda de Jerusalém, o dia que seria como um laço até mesmo para os discípulos, estaria **DISTANTE**, não no sentido de milhares de anos depois, mas bem no final daquela geração. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje expressa muito bem o verso 36 dentro do contexto histórico do Sermão Profético:

“Jesus continuou, dizendo: — Mas ninguém sabe nem o dia nem a hora **em que TUDO ISSO vai acontecer**, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas somente o Pai”.

A NVI (Nova Versão Internacional) sai um pouco da tradução que estamos acostumados, pois omite a palavra “*daquele*”:

“Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai”.

Mais uma vez repito, a ideia aqui no Sermão Profético é como o nascimento de uma criança. Sabemos que ela tem nove meses para nascer. Nesse meio tempo acontecem os sinais da criança na barriga da mãe. Mas, daquele dia e hora do nascimento, ninguém sabe exatamente. É curioso que em Hebreus 10:25 há uma advertência sobre a possibilidade “daquele dia” ser visto:

“Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima”.

A igreja dos hebreus estava vivendo um clima de apostasia, pois muitos cristãos hebreus estavam abandonando Cristo e voltando para as antigas praticas judaicas. Hebreus é uma carta de duras advertências. Claramente no texto acima vemos que aqueles primeiros ouvintes poderiam ver a aproximação do “Dia” da destruição da Antiga Aliança. Eles não sabiam qual “Dia” seria exatamente, mas sua aproximação era evidente. Creio que é a respeito desse “Dia” que Jesus faz referência, quando diz: *“Mas daquele dia e da hora ninguém sabe...”*. O “Dia” podia ser visto como que se aproximando, mas ao mesmo tempo, seria um laço para aqueles que não deram ouvidos as admoestações ao deixarem de congregar.

O Argumento sobre as “Perspectivas de Observação”

“Antes de sua declaração em Mateus 24:34, Cristo menciona numerosos eventos que servem de sinais históricos, eventos como: *“guerras e rumores de guerras”* (Mateus 24:6), *“fome e terremotos”* (verso 7), *“falsos profetas”* (verso 11), e assim por diante. Ele menciona especificamente um sinal preeminente: *“o sinal do Filho do Homem”*.

Assim, ele está informando seus discípulos (que lhe fizeram as perguntas) como saberiam o tempo do fim do templo; é um evento previsível. De fato, o Senhor até dá aos discípulos uma parábola que

ilustra como o evento que vem em suas vidas pode ser conhecido, instando-os a lerem corretamente todos os sinais:

“Agora aprenda a parábola da figueira: quando seu ramo já se tornou terno, e coloca suas folhas, você sabe que o verão está próximo; Mesmo assim, quando você vê todas essas coisas, reconheça que Ele está perto, bem na porta”.

(Mateus 24:32-33)

Mas depois de Mateus 24:34, Jesus deixa toda a menção de sinais e a previsibilidade. Em vez disso, ele inclui declarações enfatizando a surpresa absoluta e a imprevisibilidade total:

“Mas daquele dia e da hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas o Pai sozinho” (24:36)

“Eles não entenderam” (verso 39)

“Você não sabe” (verso 42)

“Se o chefe da casa soubesse” (verso 43)

“Chegando em uma hora em que você não pensa que Ele” (verso 44)

“Ele não o espera” (verso 50)

“Você não sabe” (25:13)

Isso indica que a seção a seguir envolve um evento que está chegando em um tempo completamente desconhecido e indeterminável. Ele não está mais falando sobre a destruição do templo no ano 70 d.C., mas sua segunda vinda no futuro distante”.¹¹

Refutação

Confesso que nem mesmo quando eu era dispensacionalista havia enxergado assim Mateus 24. Também não conheço ninguém que tenha feito o mesmo. O que vi é que multidões acreditavam que os sinais apontavam para a Segunda Vinda de Cristo, mas que o “dia e a hora” exatos seria uma grande surpresa, um laço, e não o contrário em que os sinais estariam muito tempo distante do “dia” da Segunda Vinda.

Os sinais davam a previsibilidade de que o dia do juízo estava chegando sobre Jerusalém, e isto era motivo para precaução e afastamento da cidade. Os cristãos não foram pegos de surpresa, os judeus sim. Eusébio, bispo de Cesaréia, relata que:

“...todo o corpo da igreja em Jerusalém, dirigido por uma revelação divina dada a homens de piedade aprovada antes da guerra, saíra da cidade e fora habitar em certa cidade além do Jordão chamada Pela. Eis que, tendo se mudado de Jerusalém os que criam em Cristo, como se os santos tivessem abandonado por completo a própria cidade real e toda a terra de Judéia, a justiça divina por fim os atingiu por seus crimes contra o Cristo e seus apóstolos, destruindo totalmente toda a geração de malfeitores sobre a terra”.¹²

Os versículos acima citados por Gentry, os quais, segundo ele, indicam que “depois de Mateus 24:34, Jesus deixa toda a menção de sinais e a previsibilidade”, usando, em vez disso, a inclusão de “declarações enfatizando a surpresa absoluta e a imprevisibilidade total”, podem ser facilmente explicados por causa de alguns aspectos encontrados nos mesmos. Nesses versículos acima, usei a tradução direto do inglês do texto de Gentry. A seguir faço uso da versão da Almeida Revista e Atualizada:

“Mas daquele dia e da hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas o Pai sozinho” (24:36)

“Eles não entenderam” (verso 39)

“Você não sabe” (verso 42)

“Se o chefe da casa soubesse” (verso 43)

“Chegando em uma hora em que você não pensa que Ele” (verso 44)

“Ele não o espera” (verso 50)

“Você não sabe” (25:13)

A seguir, preste atenção nos versículos 36-39 e nas partes grifadas:

“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai.

Pois assim como foi **nos dias de Noé**, também será a vinda do Filho do Homem.

Porquanto, assim como **nos dias anteriores ao dilúvio** comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, **e não o perceberam**, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem”.

(Mateus 24:36-39 – o grifo é meu)

Em Hebreus 11:7 diz que Noé foi *“divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé”*. Em 2ª Pedro 2:5 Noé é chamado de *“pregador da justiça”*. A construção da arca foi um sinal de que algo estava para vir. O dilúvio foi um evento que não era possível ser visto. Muito provavelmente Noé sofreu diversos tipos de zombaria

da mesma maneira que Pedro declara que “*nos últimos dias virão escarnecedores*” dizendo:

“Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”.

(2ª Pedro 3:3-4)

Observe, o leitor, que mesmo havendo um sinal para o dilúvio (tendo Noé como “pregador da justiça” e construtor da arca), o Senhor deixa claro que “*que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão **quando veio o dilúvio** e os levou a todos*”. O mesmo podemos aplicar na ideia de Mateus 24. Os sinais estavam disponíveis para aquela geração, mas, os judeus rebeldes, não perceberam quando a destruição de Jerusalém já se aproximava.

“Portanto, **vigiai, porque não sabeis** em que dia vem o vosso Senhor.

Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa.

Por isso, ficai também **VÓS APERCEBIDOS**; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá”.

(Mateus 24:42-44 – o grifo é meu)

Note que claramente o Senhor mostra que os discípulos teriam que vigiar, pois dentro do contexto de Mateus 24 sobre a destruição de Jerusalém e o templo, eles poderiam também ser pegos de surpresa. A segunda pessoa do plural “vós” que pode ser rastreada desde o início de Mateus 24 e é uma grande prova de que o capítulo inteiro de Mateus 24 é sobre a destruição de Jerusalém e o templo, sem alguma mudança indicando uma futura Segunda Vinda.

O Argumento sobre os “Múltiplos Dias”

“Pela própria natureza do caso, os inúmeros eventos que levaram à destruição militar romana do templo no ano 70 d.C. exigirão vários

dias. Por isso, na parte de seu Discurso antes de Mateus 24:36, Jesus menciona “*naqueles dias* [plural]” (verso 19, 29) e até conforta seus discípulos ao notar que “*aqueles dias*” serão “*abreviados*” (verso 22).

Esta menção dos dias do período da tribulação está em contraste com o dia singular - de fato, o momento exato - da segunda vinda:

“Mas daquele dia e hora que ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas somente o Pai”.

(Mateus 24:36)

Após esta transição em 24:36, ele menciona repetidamente o “*dia*” no singular (24:42, 50) ou “*o dia*” e “*a hora*” (25:13). O segundo advento não envolve uma série de ações históricas, como é o caso das operações militares romanas contra os judeus, Jerusalém e o templo. O segundo advento é um evento catastrófico e único realizado por um indivíduo singular, o próprio Cristo”.¹³

Refutação

É verdade que a Segunda Vinda de Cristo no fim da história será “um evento catastrófico e único realizado por um indivíduo singular, o próprio Cristo”. Da mesma maneira, independentemente dos dias de sinais e tribulações que antecederam a queda de Jerusalém, quando Jerusalém caiu nas mãos dos romanos foi num momento singular. Se “o dia do Senhor” contra Jerusalém foi num dia único ou durante o cerco de três anos e meio, o que realmente importa é o juízo em si.

Curiosamente, João escreveu em sua primeira carta que o tempo em que ele vivia era “*a última hora*” por causa dos muitos “*anticristos*” que estavam se espalhando em seu tempo (1ª João 2:18). Era “*a última hora*” do quê? Do fim da era judaica, do tempo em que o templo ainda estaria de pé. Alguns estudiosos acreditam que João escreveu suas três cartas por volta do ano 60 d.C., antes da destruição da

cidade de Jerusalém pelos romanos. Se essa data estiver certa, dez anos antes da destruição de Jerusalém já era considerada “*a última hora*”. Essa última hora precedia os últimos dias de Jerusalém.

O Argumento do “Medo de Decepção”

“Na primeira parte do Discurso, Jesus alerta repetidamente sobre o perigo de engano por aqueles que “induziriam” (*planao*, [no grego]):

“E Jesus respondeu e disse-lhes: Olhe para que ninguém os engane. Porque muitos virão em Meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos”.

(Mateus 24:4-5)

“E muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos”.

(Mateus 24:11)

“Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e mostrarão grandes sinais e maravilhas, de modo a enganar, se possível, até os eleitos”.

(Mateus 24:24)

Tudo isso serve como um indicador significativo de uma mudança de assunto quando comparamos isso com seu ensino depois de Mateus 24:36. Depois disso, ele não menciona mais o perigo de engano: a palavra *flato* [no grego] (“enganar”) desaparece da narrativa. De fato, o segundo advento submergirá subitamente as pessoas no meio de suas atividades diárias: elas comerão, beberão e se casarão (Mateus 24:38-39). Elas estarão trabalhando no campo (verso 40). Elas estarão triturando no moinho (verso 41). Elas ficarão tão surpresas quanto a pessoa cuja casa é quebrada sem aviso prévio (verso 43).

Contrariamente à isso, ninguém se surpreenderia com a destruição do templo no ano 70 d.C. Afinal, os romanos levaram cinco meses de guerra de cerco implacável para entrar em Jerusalém e destruir o templo depois de cercarem Jerusalém em abril, do ano 70 d.C. Mesmo isso ocorre bem após o engajamento formal da Guerra Judaica na primavera do ano 67 d.C. e as primeiras operações militares na Galileia e em outros lugares”.¹⁴

Refutação

Ora, quando Gentry diz que as pessoas serão surpreendidas em suas atividades diárias, seja comendo e bebendo, seja trabalhando no campo ou não, vemos esse mesmo cenário antes do cerco a Jerusalém. Observe o que Lucas diz sobre isso:

“Quando virem Jerusalém rodeada de exércitos, vocês saberão que a sua devastação está próxima.

Então os que estiverem na Judéia fujam para os montes, os que estiverem na cidade saiam, e os que estiverem no campo não entrem na cidade”.

(Lucas 21:20,21)

Mateus acrescenta outro detalhe:

“Quem estiver no telhado de sua casa não desça para tirar dela coisa alguma”.

(Mateus 24:17)

O que são essas coisas senão o cotidiano normal das pessoas? Estar na Judéia, no campo ou no telhado sugere uma vida normal até o cerco a Jerusalém. Apesar das operações militares contra Israel já no ano 67 d.C., os judeus em Jerusalém foram todos pegos de surpresa, menos os cristãos. Quando Cristo, depois do verso 36, manda seus discípulos vigiarem, é justamente para que observassem os sinais que precederiam a destruição de Jerusalém. A história diz que muitos sinais apareceram em Jerusalém, significando algo ruim que viria

sobre eles, mas mesmo assim os judeus não deram atenção, pois sua única preocupação era se rebelar contra Roma.

É muito interessante notar que a Segunda Vinda de Cristo não será surpresa para os cristãos, quer eles vigiem, quer eles durmam. Não sou que estou dizendo, veja o que Paulo diz:

“Mas vós, irmãos, **não estais em trevas, para que aquele dia, como ladrão, vos surpreenda;** porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas; não durmamos, pois, como os demais, antes vigiemos e sejamos sóbrios.

Porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam, embriagam-se de noite; mas nós, porque somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação; porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançarmos a salvação por nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós, **para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele**”.

(1ª Tessalonicenses 5:4-10 – o grifo é meu)

O Argumento dos “Contrastes Sociais”

“As circunstâncias sociais da primeira parte do Discurso das Oliveiras diferem dramaticamente daqueles da última parcela. Na primeira seção (até Mateus 24:36) tudo é caótico, perigoso e confuso. Este período está carregado de guerras e rumores de guerras (Mateus 24:6-7), fome e terremotos (verso 7), traição e perseguição (verso 10), ilegalidade (verso 12) e grande tribulação (verso 21). Assim, um *ai* atrás do outro é o que acontece com os homens na caótica primeira parte do Discurso.

Mas na segunda seção toda essa agitação e perigo desaparecem. As atividades sociais parecem tranquilas, permitindo negócios como de costume, enquanto as atividades mundanas da vida continuam. As

pessoas estão se casando, comendo e bebendo (Mateus 24:38), trabalhando no campo (verso 40) e triturando no moinho (verso 41). O caos por atacado que leva até o ano 70 d.C. contrasta fortemente com as condições pacíficas no momento da segunda vinda de Cristo”.¹⁵

Refutação

Já falei sobre isso, mas nunca é demais repetir. A chamada segunda parte do discurso a partir do verso 36, está mais centrada nas advertências para que os discípulos não sejam pegos de surpresa. A chamada primeira parte que vai do verso 1 ao 34, está centrada no que os discípulos deveriam fazer para se precaver. É como se fosse um roteiro para que a igreja primitiva tivesse uma direção espiritual para que entendesse o que estava acontecendo e como proceder.

Já mostrei também que a vida cotidiana estava normal em Israel – apesar dos sinais e acontecimentos turbulentos no Império Romano. Pessoas no campo, ou na Judéia, ou em cima do telhado e mulheres grávidas amamentando era um sinal de que a vida estava fluindo normalmente.

Eu creio que haverá “condições pacíficas no momento da segunda vinda de Cristo”, pois todas as nações já estarão discipuladas e servindo a Cristo. Todavia, as advertências fornecidas após o verso 36 mostram exemplos do Antigo Testamento em relação a queda de Jerusalém. Um deles é o dilúvio, o qual já falei anteriormente que a mera construção da arca e a pregação de Noé foi um sinal do que havia de vir. Todavia, os contemporâneos de Noé só perceberam depois que ele entrou na arca com sua família.

O Argumento da “Oportunidade de Fuga”

“Na primeira seção, Cristo pede fuga desesperada da área, implicando claramente que haverá tempo e oportunidade para fugir:

“então, os que estão na Judéia fujam para as montanhas” (Mateus 24:16). Na verdade, um sinal particular - a abominação da desolação - será a sugestão para deixar a área. Por causa dessa oportunidade de fuga, muitas vidas dos eleitos de Deus serão salvas: *“a menos que esses dias tivessem sido abreviados, nenhuma vida teria sido salva; mas, por causa dos eleitos, esses dias serão abreviados”*(24:22).

Mas ao entrar na segunda seção do Discurso, não ouvimos falar de nenhum comando para escapar, é sem oportunidades de fuga. Na verdade, testemunhamos o contrário. Mais uma vez, podemos ler as advertências da natureza imprevisível do segundo advento (como [falado] anteriormente) e perceber que, pela própria natureza do caso, não haverá oportunidade de fuga:

“Mas daquele dia e da hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas o Pai sozinho” (24:36)

“Eles nada perceberam” (verso 39)

“Vocês não sabem” (verso 42)

“Se o chefe da casa soubesse” (verso 43)

“Chegando em uma hora em que vocês menos esperam” (verso 44)

“Ele não o espera” (verso 50)

“Vocês não sabem” (25:13)”¹⁶

Refutação

Uma pergunta deve ser feita: *Para quem foi dado os sinais para que houvesse fuga?* Resposta: Para os eleitos! Assim como na Segunda Vinda os eleitos não estarão em trevas *“para que aquele dia, como ladrão, vos*

surpreenda”, o mesmo se aplica ao cerco a Jerusalém. Diferente dos judeus que rejeitaram a Cristo, os cristãos tiveram uma ampla iluminação sobre o dia da vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém. O Novo Testamento é repleto de textos de advertências. Até mesmo entendimentos errados foram corrigidos no percurso da igreja. Veja um exemplo em 2ª Tessalonicenses 2:1-2. Os cristãos tessalonicenses estavam alarmados supondo que o “dia do Senhor” havia chegado. Não se engane, o assunto aqui é sobre a vinda em juízo contra Jerusalém. Paulo escreveu:

“Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor”.

Paulo corrige essa noção errada de ter já chegado o dia do Senhor ao profetizar sobre dois sinais:

“Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.

Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?

E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria”.

(2ª Tessalonicenses 2:3-6)

Uma coisa que fica evidente no Novo Testamento é que quem rejeitou a Cristo, acabaria por ficar totalmente em trevas em relação a vinda de Cristo. As várias advertências de Jesus nos dias de seu ministério terreno mostram o laço que estava preparado para levar subitamente aquela geração perversa.

O Argumento do “Contraste Escatológico”

“Jesus parece usar termos-chave que distinguem sua [vinda] metafórica no ano 70 d.C. de sua [vinda] literal no segundo advento. Em Mateus 24:4-34, Ele nunca usa a palavra *parousia* (“vinda”, “presença”) - exceto no verso 27, onde ele distingue intencionalmente seu segundo advento visível dos enganos do primeiro século (24:34) que afirmam que Jesus pode estar escondido aqui ou ali (24:24-26).

Isso é significativo na medida em que a pergunta original dos discípulos em relação à sua “vinda” usa a palavra [grega] *parousia*: “qual será o sinal de sua vinda [parousia]” (Mateus 24: 3). No entanto, Jesus evita com cuidado o termo para descrever os eventos que ocorrem na primeira seção, embora ele use a palavra [grega] *erchomenos* (“chegada”) no versículo-chave no verso 24:30: “então o sinal do Filho do Homem aparecerá no céu, e então todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do Homem vindo [erchomenos] nas nuvens do céu com poder e grande glória.

Depois de Mateus 24:34, no entanto, ele usa duas vezes a *parousia* daquele imprevisível [dia] que vem no futuro distante:

“A próxima [parousia] “do Filho do Homem será como os dias de Noé” (24:37).

“e eles nada perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda [parousia] do Filho do homem”(verso 39)”¹⁷

Refutação

Das palavras acima, acredito ser relevante destacar a seguinte frase:

“Ele nunca usa a palavra *parousia* (“vinda”, “presença”) - exceto no verso 27, onde ele distingue intencionalmente seu segundo

advento visível dos enganados do primeiro século (24:34) que afirmam que Jesus pode **estar escondido aqui ou ali** (24:24-26)”.

Levando-se em conta o pressuposto de que a partir do verso 36 Jesus estaria falando de Sua Segunda Vinda, parece realmente fazer sentido. Todavia, não vejo aqui uma comparação ou distinção intencional com a Segunda Vinda. O que Jesus estava dizendo é que a forma de Sua vinda em juízo contra Jerusalém, não seria visível em algum canto de Israel. A forma predita é encontrada no verso 30 de Mateus capítulo 24:

“Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória”.

No meu livro intitulado *“Mateus 24 e a Vinda de Cristo – Comentário versículo por versículo”*, expliquei detalhadamente essa passagem:

“Na destruição de Jerusalém o povo de Israel não “viu” literalmente o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu. Em Apocalipse temos uma ênfase ao dizer *“até quantos o traspasaram”*, isto é, aqueles judeus do primeiro século que tiveram participação na morte de Jesus. É verdade que todos veremos literalmente o Filho de Deus no último dia (2ª Coríntios 5:10), mas o caso aqui em Mateus 24:30 não é uma “visão” literal. “Ver” significa “entendimento”. Isto é uma metáfora bíblica muito comum:

“Por isso, não podiam crer, porque Isaías disse ainda: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados”.

(João 12:39-40)

“...e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu...”.

“Eis que vem com as nuvens...”.

Todavia, o caso descrito em Mateus 24 e Apocalipse 1 nada tem a ver com o dia da Segunda Vinda de Cristo. Nunca podemos nos

esquecer de que em Mateus 24 estamos no contexto apocalíptico da destruição de Jerusalém que aconteceu dentro daquela geração do primeiro século da era cristã (Mateus 24:34). O vir “sobre” ou “com as nuvens” é uma linguagem muito conhecida e retirada do Antigo Testamento. O vir nas nuvens é uma metáfora de julgamento de Deus - e no caso aqui em questão – foi um julgamento de Deus que caiu sobre Jerusalém por terem rejeitado o Messias.

Diversas passagens do Antigo Testamento usam esse conceito de “vir sobre as nuvens” como uma metáfora para Deus vindo julgar cidades ou nações, [como no caso do julgamento sobre o Egito (Isaías 19:1; Ezequiel 30:3), o julgamento sobre Nínive (Naum 1:3), o julgamento de Deus sobre Israel (Joel 2:2)]¹⁸.

O autor Brian Godawa completa sobre essas passagens de julgamento:

“Em nenhuma dessas passagens acima Deus literal ou fisicamente veio cavalcando numa nuvem. “A noção de vir sobre as nuvens com tempestades e trovões é um modo usado no Antigo Oriente Médio para falar sobre deidades vindo julgar nações e cidades. O Egito foi saqueado pelos assírios (Isaías 9:23-25). Nínive foi destruída pela mão de Nabucodonosor, da Babilônia (Ezequiel 30:10). Mas Deus é descrito como quem estava usando essas forças pagãs para seus propósitos de julgar tais cidades. Assim que Deus “veio sobre as nuvens”¹⁹.

Apesar de Gentry citar Mateus 24:37, 39 para dizer que depois de Mateus 24:34 o Senhor “usa duas vezes a *parousia* daquele imprevisível [dia] que vem no futuro distante”, não consigo ver nenhuma referência a uma Segunda Vinda visível e corporal de Cristo nesses versículos, pois o contexto de Mateus 24 não me permite.

O Argumento sobre a “Duração Temporal”

“Na seção inicial de Mateus 24, o prazo é curto. Os discípulos estarão enfrentando perigos reais que ocorrerão em “esta geração”

(Mateus 24:34). Eles devem estar atentos a vários sinais, especialmente aquele que ocorre dentro do templo então [ainda] em pé [para eles] (24:15), pois então eles devem fugir da área (24:16). Tudo isso se encaixa com o aviso introdutório de Jesus sobre o julgamento que acontecerá com os escribas e fariseus - também em “esta geração” (23:34-36).

Na seção a seguir de Mateus 24:36 e no capítulo 25, o período de tempo é muito maior. Não sabemos mais sobre “esta geração”, antes as parábolas de Jesus antecipam um futuro distante:

“Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se...”.

(Mateus 24:48)

“E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram”.

(Mateus 25:5)

“Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles”.

(Mateus 25:19)”²⁰

Refutação

A seguir, analisarei individualmente cada dos versículos citados acima:

“Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se...”.

(Mateus 24:48)

Quem está dizendo aqui que o seu Senhor demora é o servo, e não o próprio Senhor. Aliás, os quarenta anos que se passaram entre a Ascensão de Jesus até a queda de Jerusalém, foi tempo suficiente para

que houvesse reclamação sobre uma possível demora do Senhor. O Senhor disse que aquela geração não passaria sem que tudo fosse cumprido. O tempo de uma geração varia muito de acordo com o contexto e a época em que uma geração vive. Uma geração pode ter até setenta anos ou mais. Ninguém sabia ao certo quando o Senhor viria para punir Israel, mas uma espera que já durava quase quatro décadas é o suficiente para que aparecessem os escarnecedores.

Isto vemos claramente na 2ª carta de Pedro capítulo 3 e versículos 3 e 4:

“...tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”.

Quem estuda o Preterismo sabe que o Novo Testamento inteiro deixa bem claro que a igreja primitiva vivia nos “*últimos dias*”, isto é, os últimos dias da era judaica (Atos 2:14-18; Hebreus 1:1-2; 1ª Coríntios 10:11; 1ª João 2:18-19; 2ª Timóteo 3:1-9; Hebreus 9:26; Hebreus 10:25; 1ª Pedro 1:20).

Quando Pedro escreveu sobre os escarnecedores dos últimos dias foi muito provavelmente por volta do ano 67 d.C. A esta altura Jerusalém estava na iminência de ser cercada e destruída. Fazia, então, quase quarenta anos que Jesus havia profetizado sobre o fim de Jerusalém, tempo esse suficiente para que se pensasse em demora e houvesse escarnecedores. O falecido pastor David Chilton especialista no assunto, escreveu identificando quem eram esses escarnecedores que Pedro identifica:

“De acordo com a segunda epístola de S. Pedro, Cristo e os apóstolos tinham advertido que a apostasia aumentaria perto do fim dos “últimos dias”(2Pe. 3:2-4; cf. Judas 17-19) – o período de quarenta anos entre a ascensão de Cristo e a destruição do Templo

do Antigo Pacto em 70 d.C. Ele deixa claro que esses “escarnecedores” dos últimos dias eram apóstatas do Pacto: familiares com a história e profecia do Antigo Testamento, eles eram judeus que tinham abandonado o Pacto Abraâmico rejeitando a Cristo. Como Jesus tinha repetidamente advertido (cf. Mt. 12:38-45; 16:1-4; 23:29-39), sobre aquela geração má e perversa viria o grande “Dia de Juízo” predito nos profetas, uma “destruição dos homens ímpios” como aquela sofrida pelos ímpios dos dias de Noé (2Pe. 3:5-7). Durante todo o Seu ministério Jesus traçou essa analogia (ver Mt. 24:37-39 e Lucas 17:26-27). Assim como Deus destruiu o “mundo” da era antediluviana com o Dilúvio, dessa forma o “mundo” de Israel do primeiro século foi destruído pelo fogo na queda de Jerusalém”.²¹

Portanto, a tese de Gentry de que Mateus 24:36 em diante revelaria uma Segunda Vinda “demorada”, distante da geração da igreja primitiva – talvez milhares de anos à frente - não se sustenta, mesmo porque o período de quarenta anos entre a Ascensão de Cristo e a destruição de Jerusalém foi tempo suficiente para que os escarnecedores pensassem em demora.

Outro texto usado por Gentry é o da parábola das dez virgens. Essa parábola reflete a mesma ideia da demora do Senhor:

“E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram”.

(Mateus 25:5)

O problema de se usar a parábola das dez virgens é que a mesma não é uma referência à igreja como muitos pensam. Não entrarei em profundidade sobre essa parábola, mas sugiro a leitura do artigo de Hermes C. Fernandes intitulado “*Parábola Usada para Aterrorizar os Crentes*”, publicado na página 9 da Revista Cristã Última Chamada de Abril de 2012. De acordo com esse artigo de Hermes C. Fernandes “a parábola das virgens jamais teve a intenção de causar pânico aos seguidores de Cristo. **Não estamos nem entre as cinco prudentes,**

nem entre as cinco insensatas. Somos a única noiva do Cordeiro, aquela que está sendo preparada para ser apresentada “como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo” (2 Coríntios 11:2).²²

“Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles”.

(Mateus 25:19)

Se é para levarmos ao pé da letra este trecho da parábola dos servos bom e mau, para dizermos que o “muito tempo” refere-se a uma Segunda Vinda distante daquela geração da igreja primitiva, então, há outros elementos que também se levados ao pé da letra desmentem a ideia de uma Segunda Vinda nesse contexto. Note que o Senhor dos servos descritos na parábola volta para os mesmos servos, ou seja, ainda no tempo de vida deles. Isto cai bem em relação aos discípulos, os quais dentro do prazo de “*esta geração*”, alguns deles testemunhariam a vinda de Cristo em juízo.

A parábola fala de recompensas, e Cristo falou que ainda naquela geração Ele viria para recompensar cada um de acordo com as suas obras, e alguns estariam vivos para ver o reino de Deus chegar com poder:

“Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras. **Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino**”.

(Mateus 16:27-28 – o grifo é meu)

A frase “muito tempo” cabe bem tanto para um período de quarenta anos, bem como um período de milênios. Quarenta anos é tempo suficiente para gerar frustrações, queixas de que o Senhor está demorando e o aparecimento de escarnecedores contra os cristãos. O problema é que Gentry tenta ver nesse “*muito tempo*” um indicador da Segunda vinda de Cristo. O problema é que desde o primeiro versículo de Mateus 24 até o capítulo 25 o tema não muda, nem mesmo o público alvo que eram os primeiros discípulos, os quais são

identificados pela segunda pessoa do plural “vós”. Antes que alguém me aborreça com a ideia de um “vós transcendental”, sugiro a leitura de meus dois artigos: “*O Uso da Segunda Pessoa do Plural na Profecia Bíblica*” e “*Para qual geração Jesus falou? O equívoco na interpretação da palavra “vós”*”, cujos links estão no final desta página.*

Uma Advertência e uma Segunda Vinda ainda nosso Futuro!

Quando uma pessoa descobre que todo o capítulo 24 de Mateus é sobre a vinda em juízo contra Jerusalém que ocorreu no 70 d.C., geralmente vem a pergunta:

“Para que nos serve o Sermão Profético em Mateus 24? Como fica a Segunda Vinda? Cristo não voltará mais?”

A primeira pergunta é respondida da seguinte forma, ou seja, Mateus 24 foi escrito para nossa advertência. O apóstolo expressou algo semelhante quando escreveu:

“Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés.

Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo.

Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto.

Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobizaram.

Não vos façais, pois, ídólatras, como alguns deles; porquanto está escrito: O povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se.

*** Notas:**

http://www.revistacrista.org/Profecia_o%20Uso%20da%20Segunda%20Pessoa%20do%20Plural%20na%20Profecia%20Biblica.htm#.WTqYi-v1Dix

http://www.revistacrista.org/Preterismo-equivocos-e-contradicoes_para_qual_geracao_jesus_falou.html#.WTqYb-v1Diw

E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles o fizeram, e caíram, num só dia, vinte e três mil.

Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns deles já fizeram e pereceram pelas mordeduras das serpentes.

Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram destruídos pelo exterminador.

Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado.

Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia”.

(1ª Coríntios 10:1-12 – o grifo é meu)

Sobre esses versos comentei em outra ocasião:

“O que aconteceu ao povo judeu no deserto nunca mais se repetirá na história, mas mesmo assim, serve de exemplo para todo aquele que praticar o mal. Assim, da mesma forma, a queda de Jerusalém nos serve de exemplo, e foi escrito para a nossa advertência, para que nunca caiamos no mesmo exemplo de desobediência que os judeus do primeiro século da era cristã tiveram”.²³

Tratarei exclusivamente sobre a Segunda Vinda de Cristo na parte 3.

- Parte 2 -

Qual a importância do Significado do Ano 70 d.C. para a Escatologia Bíblica?

É lamentável que por causa das más influências do *Dispensacionalismo* e outros pontos de vista pessimistas em relação ao futuro, os cristãos modernos na sua grande maioria desconheçam a importância do ano 70 d.C. na história da redenção. Essas verdades precisam urgentemente serem revistas e pregadas nas denominações cristãs. O fim de Jerusalém e seu templo é uma poderosa amostra que Cristo é o Verdadeiro profeta prometido no Antigo Testamento, e mais, prova que Ele é Deus, pois tudo quanto disse se cumpriu à risca.

Segundo o site Preterist Archive “tem sido uma característica padrão da pregação cristã ao longo dos tempos que a destruição romana de Jerusalém no ano 70 d.C., era realmente o castigo decisivo de Deus contra o povo judeu pela sua rejeição de Jesus, que morreu por volta do ano 30 d.C.”, e o mesmo site acrescenta que “não é exagero dizer que a queda de Jerusalém é o evento nacional mais importante da história do mundo”.²⁴

O ex Papa Bento XVI disse que “a queda de Jerusalém não era o fim do mundo, mas o início de uma nova era na história da salvação”. R. C. Sproul escreveu que “não importa a visão da escatologia que abraçarmos, devemos levar a sério a importância histórica redentora da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.”.²⁵ Muitos outros

escreveram acerca da importância do ano 70 d.C., os quais cito a seguir:

David Biale (2003):

“Do ponto de vista estritamente religioso, a destruição do Segundo Templo marcou o início de uma nova era sem sacrifícios do Templo, uma era que continua até hoje”.²⁶

Gerard Israël and Jacques Lebar (1970):

“Quando, no ano 70 d.C., as legiões de Tito cercaram e derrubaram Jerusalém e arrasaram o templo - o símbolo da independência nacional judaica - provocaram uma reação em cadeia”.²⁷

Eric M. Meyers (2003):

“A destruição do Templo necessariamente teve consequências catastróficas políticas e religiosas. Como o Templo funcionou como um centro político e bem como culto, sua perda deixou um vácuo no qual os rabinos se moviam”.²⁸

Cultures of the Jews: A New History:

“A destruição do Segundo Templo em 70 d.C. constitui, na maioria das análises, um evento decisivo para os judeus da antiguidade. A eliminação do centro, fonte de alimento espiritual e símbolo preeminente da identidade da nação, obrigou os judeus a se reinventarem, a encontrar outros meios de sustento religioso e a ajustar suas vidas a um período de deslocamento indefinido”.²⁹

“A perda do Templo de Jerusalém também significava que a religião judaica tinha que se transformar de um culto sacrificial baseado em templo para uma cultura enraizada nas práticas domésticas e locais”.³⁰

“A possibilidade de certos livros não serem incluídos no cânon e a instituição de uma categoria de “livros externos” (sefarim hitzonim) foram o produto da crença rabínica de que a profecia havia cessado com a destruição do Templo”.³¹

“É, de fato, um sinal e prova notável da vinda da Palavra que Jerusalém já não está”.³²

Atanásio (345 d.C.):

“Ele era como aqueles enviados pelo chefe de família para receber os frutos da vinha dos lavradores; pois ele exortou todos os homens a fazer um retorno. Mas Israel desprezou e não se rendeu, pois a sua vontade não era correta, e, além disso, eles mataram aqueles que foram enviados, e nem mesmo o Senhor da vinha ficou aborrecido, mas mesmo ele foi morto por eles. Em verdade, quando Ele veio e não encontrou nenhum fruto neles, ele os amaldiçoou através da figueira, dizendo: “Que agora não haja nenhum fruto de ti” [Mateus. 21:19]; e a figueira estava morta e infrutífera, de modo que mesmo os discípulos se perguntavam quando desapareceu.

Então foi cumprido o que foi dito pelo profeta: “Eu lhes tirarei a voz de alegria e a voz de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva, o perfume da mirra e a luz de uma Lâmpada, e toda a terra será destruída” [Jeremias 25:10]. Pois todo o serviço da lei foi abolido deles e, doravante, permanecem sem banquete”.³³

Eusébio (314 d.C.):

“E toda esta profecia do que resultaria da sua insolência contra o Cristo foi provada claramente ter ocorrido depois de sua trama contra o nosso Salvador. Pois não era antes disso, mas depois daquele dia para isso que Deus transformou suas festas em luto, despojaram-nas de sua famosa cidade-mãe e destruíram o Templo sagrado ali quando Tito e Vespasiano eram Imperadores de Roma, para que pudessem já não vão manter suas festas e reuniões sagradas. Não preciso dizer que uma fome de ouvir a Palavra do

Senhor os alcançou a todos, em troca da rejeição da Palavra de Deus; pois, com uma só voz, recusaram-no, então ele os recusa”.³⁴

Henry Alford (1868 d.C.):

“Nós podemos observar que o nosso Senhor fez quando veio, coincide com a destruição de Jerusalém, que é incontestavelmente a derrubada dos camponeses perversos. Esta passagem, portanto, constitui uma chave importante para as profecias do nosso Senhor, e uma justificativa decisiva para aqueles que, como eu, afirmamos firmemente que a vinda do Senhor é, em muitos lugares, identificada, principalmente, com essa derrubada”.³⁵

David Brown (1858 d.C.):

“Aqueles que não dirigiram sua atenção para a linguagem profética ficam assustados se eu responder que: A vinda do Senhor aqui anunciada é a sua vinda em juízo contra Jerusalém - para destruir seu templo, e com eles a posição peculiar e os privilégios dos Judeus como a Igreja de Deus visível...”.³⁶

Alfred Edersheim:

“[A] tribulação para Israel era incomparável no terrível passado de sua história, e inigualável mesmo em seu futuro sangrento que estava prestes a acontecer com eles. Não, tão terrível seria a perseguição de que, se a Divina misericórdia não tivesse se interposto por causa dos seguidores de Cristo, toda a raça judaica que habitara a terra teria sido varrida. Não deveria haver carne salva”.³⁷

N.T. Wright (1996):

“Um dos motivos principais, suponho, porque a forma óbvia de ler o capítulo foi ignorada por tanto tempo deve ser o fato de que em uma boa parte da teologia cristã a queda de Jerusalém não teve significado teológico. Isso significou não só que Marcos 13 se

encontra enigmático, mas também que todas as referências ao mesmo evento em outros lugares nos evangelhos - mesmo quando se *compara* um *com* o outro, como em Lucas 13:1-5 - foram lidas como gerais Avisos do inferno no futuro, em vez do julgamento literal e físico do juízo divino e julgamento através de Roma que consideramos característico da história de Jesus”.³⁸

Por fim, termino esta seção com o testemunho dramático do historiador judeu Flávio Josefo, que foi testemunha ocular da guerra de Roma contra Jerusalém. Com palavras similares ao nosso Senhor, Josefo lamenta a destruição absoluta de Jerusalém em vários lugares, com essas palavras:

“Considerando a guerra que os judeus fizeram com os Romanos tem sido a maior de todas, não apenas de nossos dias, mas, de algum modo, de todas das quais já se ouviram”.³⁹

“As desgraças de todos os homens, desde o princípio do mundo, se comparadas com estas dos judeus, não são tão consideradas quanto eram”.⁴⁰

“Nem qualquer outra cidade já sofreu tais misérias... desde o princípio do mundo”.⁴¹

O Ano 70 d.C. é o Tema de Apocalipse

O assunto de Mateus 24 é o mesmo do livro do Apocalipse. No caso do Apocalipse, João usa linguagem simbólica para descrever em detalhes o castigo que veio sobre a terra de Israel. Há evidências desde Apocalipse 1:7 que mostram o tema de João, falando da destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C., que conclui para sempre a Antiga Aliança. Embora possa parecer que João esteja falando da Segunda Vinda de Cristo, e as pessoas têm assim sido erroneamente ensinadas, este não é o caso em Apocalipse.

O apóstolo João ao escrever o Apocalipse retirou seu tema do ensinamento de Jesus no Sermão Profético. Uma vez que o livro do Apocalipse é “*a revelação de Jesus Cristo*”, seria estranho não encontrarmos material com evidências para o tema do ano 70 d.C. A mesma iminência dos acontecimentos para aquela geração descrita em Mateus 24 é encontrada em Apocalipse. Tanto o público alvo como os indicadores de tempo apontam que o Apocalipse seria cumprido ainda nos tempos da igreja primitiva. João começa o Apocalipse indicando o tempo do cumprimento:

“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que **EM BREVE** devem acontecer...”

(João 1:1 – o grifo é meu)

A questão temporal tem grande ênfase dentro do livro do Apocalipse. Constantemente João lembra seus leitores sobre isso:

“Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, **POIS O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO**”.

(João 1:1 – o grifo é meu)

“Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que **EM BREVE DEVEM ACONTECER**.”

Eis que **VENHO SEM DEMORA**. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.

Disse-me ainda: **NÃO SELES** as palavras da profecia deste livro, porque **O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO**.

E eis que **VENHO SEM DEMORA**, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.

Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, **VENHO SEM DEMORA**. Amém! Vem, Senhor Jesus!”

(Apocalipse 22:6-7, 10, 12, 20 – o grifo é meu)

Se já não bastasse a questão temporal, o Apocalipse tem endereço certo, isto é, as sete igrejas da Ásia, que viveram nos dias de João. O apóstolo escreveu a cada uma delas, contando suas características e, principalmente, advertindo-as que elas presenciaram o juízo sobre o Império Romano, ainda naqueles dias do primeiro século:

“João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros...”.

“O que vês escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia”.

(Apocalipse 1:4, 11)

“...tão somente conservai o que tendes, até que eu venha”.

(Apocalipse 2:25)

“Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra”.

(Apocalipse 3:10)

“Mundo inteiro” é *oikoumene* no grego, e significa “terra habitada”. É uma referência ao Império Romano dos dias da igreja primitiva. A provação é uma referência a Grande Tribulação que viria sobre o Império, mas que estaria concentrada em Jerusalém, para provar os que habitam sobre a terra, isto é, terra de Israel.

“Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa”.

(Apocalipse 3:11)

Se a profecia escrita por João fosse acontecer milhares de anos depois, por que ele exortaria e chamaria a atenção específica dessas igrejas? O apóstolo João claramente aplica os eventos do Apocalipse como estando próximos a sua audiência original.

A parábola da vinha apresentada em Mateus 21:33-45 apresenta o tema do Apocalipse. Na parábola do dono da vinha vemos o cuidado amoroso de Deus em relação a Israel, durante os séculos de sua existência. Ao mesmo tempo em que esse cuidado amoroso era feito para com Israel, houve uma contínua e obstinada rebelião em que a nação chegou a matar os profetas enviados a ela (Mateus 21:35-36). O ponto máximo da rebelião de Israel ocorreu quando a nação rejeitou e matou o seu Messias e verdadeiro Rei (Mateus 21:37-40).

Segundo o Dr. Gentry, Jesus usa essa parábola como uma introdução à situação de Israel, e pergunta aos líderes religiosos:

“Portanto, quando vier o dono da vinha, o que ele fará com esses vinicultores?” (21:40).

Os líderes de Israel declaram involuntariamente a sua própria condenação:

“Eles disseram-lhe: Ele trará esses desgraçados para um fim miserável, e arrumará a vinha para outros vinicultores, que lhe pagará o produto nas estações apropriadas” (21:41).

Então o Senhor os choca, como costuma fazer, pegando-os em suas próprias palavras:

“Portanto, eu digo a vocês que o reino de Deus será tirado de vocês, e será dado a uma nação que produzirá os seus frutos. E aquele que cai sobre esta pedra será quebrado em pedaços; Mas em quem cair, ele o espalhará como pó” (21:43-44).

Eles compreendem bem o seu argumento:

“E, quando os principais sacerdotes e os fariseus ouviram as suas parábolas, entenderam que falava sobre eles” (21:45).

Esta parábola e sua conseqüente discussão se referem à destruição do Templo no ano 70 d.C. Ele mesmo fala desse julgamento como

uma “vinda” do Senhor: *“quando vier o dono da vinha”* (21:40). No seguinte contexto, outra parábola fala mais literalmente: *“Mas o rei ficou furioso e enviou seus exércitos, e destruiu aqueles assassinos, e incendiou sua cidade”* (Mateus 22:7). Todos os comentaristas reconhecem que isso se refere ao ano 70 d.C. E, no entanto, é chamado de “vinda” do Senhor. É uma vinda metafórica de Cristo no julgamento”.⁴²

Logo no início de Apocalipse encontramos o motivo da vinda em juízo de Cristo contra os judeus. É necessário ter muito cuidado ao ler esse versículo para não pensarmos que se trata da Segunda Vinda:

“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!”

(João 1:1)

Claramente João aplica esta profecia especificamente contra aqueles que “o traspassaram”. Isso nos fornece uma pista importante para interpretar a declaração de uma maneira mais completa. Essa pista está em paralelo com um contexto de expectativa de curto prazo (Apocalipse 1:1, 3). Gentry diz que “sabemos muito bem que os soldados romanos eram os instrumentos físicos imediatos da crucificação de Jesus. No entanto, o Novo Testamento enfatiza repetidamente a responsabilidade da aliança de Israel por todo o episódio trágico. Vou listar alguns versículos que apontam diretamente para Israel como a causa da crucificação de Cristo, que justificam bem a declaração de João contra “aqueles que o traspassaram”:

“E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!”(Mateus 27:25)

Os judeus rejeitam o sangue de Jesus sobre si mesmos. Eles estavam forçando a mão de Pilatos e declarando que se há alguma culpa, eles vão aceitá-la.

“Eles, porém, clamavam: Fora! Fora! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César!”(João 19: 15).

Falando aos judeus reunidos em Jerusalém na festa de Pentecostes após a crucificação do Senhor, Pedro declara:

“...sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos”.

(Atos 2:23)

Note que ele diz aos judeus que “vós o matastes, crucificando” o Cristo na cruz, embora observando seu instrumento: “por mãos de iníquos” (os romanos).

Falando na presença do templo, Pedro ridiculariza Israel:

“O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Servo Jesus, a quem vós traístes e negastes perante Pilatos, quando este havia decidido soltá-lo.

Vós, porém, negastes o Santo e o Justo e pedistes que vos concedessem um homicida.

Dessarte, matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas”.

(Atos 3:13-15)

Mais tarde, Pedro, mais uma vez, declara aos judeus em Jerusalém:

“O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro”.

(Atos 5:30)

Pouco antes de ser condenado à morte, Estevão prega ao sumo sacerdote e aos outros (Atos 6:12, 15; 7:1):

“Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos...”.

(Atos 7:52)

Em outro contexto, Pedro mais uma vez adverte a Israel de sua responsabilidade pela crucificação de Cristo:

“...e nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém; ao qual também tiraram a vida, pendurando-o no madeiro”.

(Atos 10:39)

Paulo vê os judeus não só como resistindo o próprio evangelho e proibindo os apóstolos de pregar aos gentios, mas também declara os judeus culpados de sua crucificação, o que leva ao seu julgamento:

“Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus; porque também padeceste, da parte dos vossos patrícios, as mesmas coisas que eles, por sua vez, sofreram dos judeus, os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são adversários de todos os homens, a ponto de nos impedirem de falar aos gentios para que estes sejam salvos, a fim de irem enchendo sempre a medida de seus pecados. A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente”.

(1ª Tessalonicenses 2:14-16)

O testemunho implacável das Escrituras culpa Israel pela morte de Cristo. Essa nação é responsável pela aliança e deveria ter conhecido melhor (Lucas 19:41-44). Então, Apocalipse 1:7 promete julgamento sobre “aqueles que o traspassaram”, o que exige que esse julgamento caia no primeiro século enquanto “aqueles que o traspassaram” ainda estavam vivos - especialmente com os indicadores temporais de curto prazo no próprio contexto desta afirmação (Apocalipse 1:1, 3). Os eventos do ano 70 d.C. nos apresentam um ajuste mais perfeito, relevante e convincente⁴³ sobre o Apocalipse.

- Parte 3 -

A Literalidade da Ressurreição e Ascensão Garante uma Segunda Vinda Literal!

O Senhor Jesus Cristo virá novamente? Como podemos saber sobre isso? De que forma Ele virá? O que garante a forma da Sua Segunda Vinda? Para começar a responder essas perguntas, basta ler Hebreus 9:28 que diz:

“...assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação”.

Note que o autor de Hebreus faz uma distinção entre as duas vindas de Cristo. Na primeira, Ele veio *“para tirar os pecados”*, e o fato de dizer que Ele vem *“sem pecado”* garante uma vinda gloriosa, não mais em humilhação, como um servo sofredor. Para entender a natureza dessa Segunda Vinda é necessário que entendamos a natureza da primeira vinda. O autor de Hebreus chama de *“segunda”* vinda porque está dizendo que essa vinda será corporal, assim como foi a primeira. Permita-me explicar melhor.

Desde o início do mundo, Cristo tem se manifestado aos homens. Ele tem vindo em diversas ocasiões se revelando aos seus servos. Chamamos essas vindas de *“teofanias”* que é o termo usado para indicar uma aparição do próprio Senhor Deus ao homem, de forma a que este possa suportar. Ninguém jamais viu Deus face a face, isto é, a Sua Glória, pois Deus é Espírito e é Santíssimo e todos nós

seríamos consumidos em nossos pecados pela Sua presença. Há vários registros de teofanias no Antigo Testamento:

“Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim”.

(Gênesis 3:8)

“Quando atingiu Abrão a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o SENHOR e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito”.

(Gênesis 17:1)

Embora essas teofanias tenham sido importantes e gloriosas, todavia, nenhuma delas supera a Encarnação do Verbo divino. A vinda de Cristo ao mundo nascendo de uma virgem marca o ápice da Revelação divina. O Deus todo-poderoso, infinito e glorioso, Criador de todas as coisas, se fez homem:

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”.

(João 1:14)

Nessa vinda ao mundo, Cristo não simulou que era um homem, mas, Ele de fato vestiu com todas as suas consequências e implicações o que é ser humano. Seu corpo não foi uma simulação como os gnósticos da época da igreja primitiva acreditavam. Os gnósticos acreditavam “que o corpo físico de Jesus Cristo não era real, mas apenas “aparentava” ser físico e que o seu espírito descera sobre Ele no seu batismo e o abandonara bem antes de sua crucificação”.⁴⁴ Ao combater esse tipo de heresia, o apóstolo João escreveu que:

“Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito

que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo”.

(1ª João 4:2-3)

O gnosticismo “sustenta um dualismo em relação ao espírito e à matéria. Os gnósticos acreditam que a matéria seja essencialmente perversa e que o espírito seja bom. Como resultado dessa pressuposição, os gnósticos acreditam que qualquer coisa feita no corpo, até mesmo o pior dos pecados, não tem valor algum porque a vida verdadeira existe no reino espiritual apenas”.⁴⁵ Contrariando essa heresia, o Verbo divino se fez carne, foi gerado no corpo de Maria, recebeu o DNA da raça humana feito com matéria corruptível desta Terra. Foi gerado no ventre de Maria diretamente por Deus, sem a participação de um homem. Foi sem pecado a vida inteira.

Sendo um ser humano real, Ele chorava, tinha saliva, suor, lágrimas, cansaço, sono e etc. Não houve nEle nenhuma “simulação” do que é ser humano, pelo contrário: Cristo é homem! O apóstolo João de tal forma enfatiza a natureza humana de Cristo que diz que Ele foi visto e tocado:

“O que era desde o princípio, o que temos **ouvido**, o que temos **visto** com os nossos **próprios olhos**, o que **contemplamos**, e as nossas **mãos apalparam**, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), **o que temos visto e ouvido** anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo”.

(1ª João 1:1-3 – o grifo é meu)

Por desconhecerem essas verdades, muita gente acabou por criar em suas mentes um Cristo etéreo, intocável, simulador de uma falsa natureza humana. A Escritura, porém, deixa claro Sua real natureza

de maneira nua e crua. Agora que ficou estabelecido a natureza da primeira vinda de Cristo, vamos estabelecer ou recapitular sobre a natureza de Sua ressurreição.

A Natureza da Ressurreição de Cristo

“E, se não há ressurreição de mortos, então, Cristo não ressuscitou”.

(1ª Coríntios 15:13)

Na fé cristã não existe meio termo. Ou é tudo, ou é nada! Não há tempo para se perder com vãs filosofias. Ou Cristo ressuscitou, ou como completa o apóstolo Paulo: *“se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, que amanhã morreremos”* (1ª Coríntios 15:32). Portanto, a ressurreição de Jesus Cristo é o principal milagre da Bíblia. É o milagre pelo qual Deus cercou de provas por todos os lados. Até hoje ninguém jamais produziu uma refutação convincente contra a Ressurreição de Cristo. A ressurreição de Cristo é como se fosse um círculo perfeito; você não pode refutar só um ponto, porque ficará devendo explicações sobre outro ponto.

O grande estudioso Josh McDowell escreveu que:

“Depois de mais de 700 horas estudando este assunto [o da ressurreição de Cristo] e analisando em todos os detalhes o seu fundamento, cheguei à conclusão de que a ressurreição de Jesus Cristo é uma das fraudes mais maldosas, depravadas e insensíveis já maquinadas pela mente humana, ou então é o fato mais fantástico da história”.⁴⁶

McDowell continua:

“A ressurreição de Jesus Cristo e o cristianismo permanecem em pé ou caem por terra juntos. Um estudante universitário do Uruguai me indagou: “Professor McDowell, por que o senhor não chega à conclusão de que o cristianismo está errado?” Ao que respondi: “Por uma razão muito simples: não consigo explicar

satisfatoriamente um acontecimento da história — a ressurreição de Jesus Cristo”.⁴⁷

Wilbur Smith (Em Therefore Stand) diz:

“Os relatos originais sobre Buda jamais lhe atribuíram algo como uma ressurreição; na verdade, o mais antigo relato sobre sua morte, a saber , o Maha-parinibbana Sutta, se refere à morte de Buda como sendo ‘aquela morte completa, da qual nada resta’”.⁴⁸

O professor Childers diz:

“Nas escrituras e comentários em idioma pali (e até onde eu saiba em qualquer livro em pali), que pertencem às tradições do povo sakyá, não há qualquer menção a que Buda tenha vivido depois de sua morte ou que tenha aparecido a seus discípulos. Maomé morreu em 8 de junho de 632 A.D., aos sessenta e um anos de idade, na cidade de Medina, onde seu túmulo é anualmente visitado por milhares de muçulmanos devotos. Todos os milhões e milhões de judeus, budistas e muçulmanos concordam que os fundadores de suas respectivas religiões jamais ressurgiram do pó da terra”.⁴⁹

Theodosius Hamack disse:

“A posição que você tem diante do fato da ressurreição já não é, a meu modo de ver, algo no campo da teologia cristã. Para mim o cristianismo permanece de pé ou cai junto com a ressurreição”.⁵⁰

O professor William Milligan afirma:

“Ao se falar das provas favoráveis à ressurreição de nosso Senhor, pode-se ir ainda mais longe e insistir que o fato, caso verdadeiro, se harmoniza com todos os demais acontecimentos da Sua vida”.⁵¹

Josh McDowell cita que até mesmo Adolf Hamack, que rejeita a crença da igreja na ressurreição, admite:

“A firme confiança dos discípulos em Jesus tinha suas raízes na crença de que Ele não permanecera morto, mas fora ressuscitado por Deus. Em virtude do que haviam experimentado nEle e certamente só depois de terem-nO visto, é que o fato de que Cristo havia ressuscitado era algo tão certo como o fato de Sua morte; sendo que a Sua ressurreição se tornou o principal tema da pregação dos discípulos acerca dEle” {History of Dogma (História do Dogma), capítulo 2}.⁵²

Por fim, Philip Schaff, historiador da igreja, escreveu:

“A ressurreição de Cristo é, portanto, decisivamente o teste que determina a veracidade ou a falsidade da religião cristã. Ou é o maior milagre ou é o maior engano registrado pela história”.⁵³

Agora que recapitulamos o fato verídico da ressurreição, vamos recapitular a literalidade dela. A ressurreição do corpo físico de Jesus é muito importante para se estabelecer o que Ele pode ou fará no futuro da humanidade. Muitos tentam dizer que a ressurreição de Jesus foi meramente espiritual, e que o corpo de Jesus teria desaparecido ou se dissolvido em gases, e que Ele se materializava quando queria aparecer aos discípulos. O problema é que se a Bíblia ensinasse uma mera ressurreição espiritual, não haveria tanta necessidade de provas ou mesmo controvérsias em torno da ressurreição. O que pertence ao domínio espiritual não está disponível aos nossos olhos, e a fé cristã não teria necessidade de testemunhar por “A” mais “B” o fato de que Jesus ressuscitou.

Somente uma ressurreição física é que faz todo o sentido para uma preocupação apologética. Somente uma ressurreição física que faz jus ao trabalho exaustivo dos céticos e ateus em tentar refutá-la. A ressurreição de Jesus Cristo não foi meramente a animação de um cadáver. Foi muito mais do que isso. O corpo de Cristo, sem vida dentro da sepultura, foi ressuscitado e glorificado, tornando-se um corpo sobrenatural. Mesmo assim continuou sendo de carne e ossos:

“Falavam ainda estas coisas quando Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco!

Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito.

Mas ele lhes disse: Por que estais perturbados? E por que sobem dúvidas ao vosso coração?

Vede as **minhas mãos e os meus pés**, que sou eu mesmo; **apalpai-me** e verificai, **porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho**.

Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.

E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes disse: **Tendes aqui alguma coisa que comer?**

Então, lhe apresentaram um pedaço de **peixe assado** [e um favo de mel].

E **ele comeu** na presença deles”.

(Lucas 24:36-43 – o grifo é meu)

Observe que depois da ressurreição o corpo de Cristo manteve suas características. Ele podia comer, ser apalrado, tinha carne e ossos. Não era um espírito entre eles. Mesmo sendo o mesmo corpo físico que morreu na cruz, Ele também podia atravessar paredes, aparecer e desaparecer:

“Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, **trancadas as portas da casa** onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, **pôs-se no meio** e disse-lhes: Paz seja convosco!

E, dizendo isto, lhes **mostrou as mãos e o lado**. Alegroum-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor”.

(João 20:19-20 – o grifo é meu)

“Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos, e Tomé, com eles. **Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio** e disse-lhes: Paz seja convosco!

E logo disse a Tomé: **Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado**; não sejas incrédulo, mas crente.

Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!”

(João 20:26-28 – o grifo é meu)

“E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles”.

(Lucas 24:30-31 - o grifo é meu)

Sei que este tema já rendeu milhares ou milhões de páginas de livros. Este pequeno resumo não pretende esgotar um tema tão fascinante como este. O ponto que quero mostrar resumidamente aqui, é que o leitor não deve ler esses relatos como meras narrativas históricas e verdadeiras. Há algo mais nessas narrativas. Elas demonstram o poder de Cristo sobre a natureza, sua capacidade de transformar poderosamente a morte em vida. Uma vez que Ele é o Deus todo-poderoso, logo, Sua ressurreição aponta sobre como será o futuro, quando toda a natureza for ressuscitada.

A Natureza da Ascensão de Cristo

“Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu”.

(Lucas 24:51 – o grifo é meu)

“Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos.

E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir”.

(Atos 1:9-11 – o grifo é meu)

Vimos no t3pico anterior que a literalidade da ressurrei33o de Cristo aponta para o futuro desta cria33o ca3da por causa do pecado humano. Neste t3pico, vou analisar como a literal Ascens3o de Jesus prova Sua Segunda Vinda literal e corporal. Creio que Cristo voltar3 novamente com o mesmo corpo em que ressuscitou. O meu objetivo neste t3pico 3 explicar biblicamente que Jesus voltar3 literal e fisicamente, justamente para combater uma heresia destruidora chamada Preterismo Completo, a qual atrav3s de uma boa ret3rica e sedu33o, vem ganhando muitos adeptos. Os defensores de tal heresia defendem que Jesus nunca mais voltar3 fisicamente, e para isto, usam argumentos muito bem elaborados que facilmente enganam os menos desavisados.

Para defender que Jesus n3o voltar3 mais fisicamente, os defensores do Preterismo Completo precisaram redefinir a Ascens3o de Cristo. O escritor preterista parcial chamado Sam Frost, ao expor e refutar a ideia do famoso te3logo preterista completo Don K. Preston, escreveu:

“Agora, para ser justo, Preston reconhece que o Filho de Deus, o Logos, o Eterno, Filho Incrriado, que 3 Deus o Filho, se tornou um ser humano (“carne”) e teve uma mente e um corpo. No entanto, para ele, esse corpo foi “perdido” em sua Ascens3o registrada em Atos 1, e o que resta de Sua “natureza” humana n3o 3 o que 3 “da mesma subst3ncia com seu Pai de acordo com Sua Divindade e da mesma subst3ncia conosco segundo Sua humanidade; pois se tornou uma uni3o de duas naturezas. Portanto confessamos um Cristo, um Filho, um s3 Senhor”. Quanto 3 “subst3ncia” conosco, Preston muda isso. A “natureza” de Cristo no momento em que considera Sua humanidade 3 meramente a reten33o do “conhecimento e compreens3o” (mem3ria) de seus dias na carne”.⁵⁴

A Santa Igreja de Cristo desde o come3o, e no decorrer dos s3culos, tem adorado e confessado a Jesus Cristo como um homem que possui uma alma e corpo razo3veis, e com o mesmo corpo Ele subiu ao c3u e se sentou 3 direita do Pai. Assim, Cristo 3 reconhecido como

o homem-Deus, possui duas naturezas, em uma só Pessoa. Don K. Preston nega categoricamente isso!

Ainda segundo Sam Frost:

“Para Preston, a partir da subida ao Céu esse homem já não é mais daquela forma como um homem “com um corpo e alma razoáveis”. A Igreja acredita que Ele continua sendo. Sempre ensinou que ele é um homem, um sacerdote, um rei e um Senhor que entrou no Lugar Santíssimo e redimiu seu povo, ao mesmo tempo que ele é um Homem, é também Deus, o Logos, o Filho, a Segunda Pessoa da Trindade, duas naturezas, em uma só Pessoa”.⁵⁵

Na fé cristã cremos que antes de vir ao mundo, o Logos divino, o Senhor Jesus Cristo, era Deus, e não possuía corpo e nem ocupava espaço. O Deus infinito se fez carne, tornou-se homem e habitou entre nós (João 1:14) e o resultado disso foram as Duas Naturezas, a Divina e Eterna, a humana e criada. Os Credos são unânimes em afirmar que as duas naturezas são “distintas” com uma “união hipostática”, mas não “co-misturadas”.

Sobre a Ascensão de Cristo, o Catecismo da Igreja Católica (1994) sabiamente afirma:

“O corpo de Cristo foi glorificado no momento de sua ressurreição” e ele ascendeu à mão direita do Pai “onde ele... está sentado **CORPORALMENTE**”.

(Part 1, Art. 6, 659-663 – o grifo é meu)

Tomando em conta esses raciocínios sobre a natureza de Cristo, podemos, então, definir que Cristo antes de Sua Encarnação, era Deus, sem corpo físico. E, em Sua vida e ministério terreno, Cristo era possuidor de duas naturezas, a divina e a humana. Depois de Sua Ressurreição, Cristo ascendeu ao céu com o mesmo corpo físico. Atualmente, no céu, Cristo continua sendo Deus e homem eternamente. Todo esse processo a Escritura define como mistério:

“E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória”.

(1ª Timóteo 3:16)

O próprio apóstolo Paulo considera Cristo como homem eternamente:

“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, **Jesus Cristo homem**”.

(1ª Timóteo 2:5 – o grifo é meu)

Mesmo após a ressurreição, o apóstolo continua acreditando que Jesus ainda é homem (embora Deus também). Outro texto que garante que Cristo não descartou Seu corpo ressurreto está em Colossenses 2:9 que diz:

“Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”.

Porventura Deus tem corpo? Todavia, aqui diz que no corpo de Cristo habita todo o poder, ou seja, Cristo é todo-poderoso. Outras traduções esclarecem melhor o texto em questão:

“Porque em Cristo reside tudo de Deus em um corpo humano”.

(Bíblia Viva)

“Nele toda a plenitude da divindade é residente em forma corpórea”. (The Bible in Living English [A Bíblia em Inglês Vivo], traduzida por Steven T. Byington, publicada pela Sociedade Torre de Vigia, 1972).

Como pode todo o poder divino habitar em um corpo físico glorificado? A mesma pergunta se faz quando pensamos sobre como pode o Pai, o Filho e o Espírito Santo fazer morada em seus filhos sendo que nem os céus dos céus (o infinito) podem conter a Deus? Como disse o rei Salomão:

“Mas, na verdade, habitará Deus com os homens na terra? Eis que os céus, e o céu dos céus, não te podem conter, quanto menos esta casa que tenho edificado?”
(2º Crônicas 6:18)

Não pretendo aqui esgotar o assunto que, inclusive, é muito vasto na teologia cristã. Há bons livros que ajudará esclarecer o leitor. O meu ponto aqui é que o Novo Testamento é unânime ao ensinar que Cristo ao se fazer homem, não deixou de ser Deus, e ao subir ao céu, também não descartou Sua humanidade. Cristo continua sendo Deus e homem ao mesmo tempo em uma só Pessoa, possuindo no Céu o mesmo corpo que teve na Terra, agora um corpo glorificado em que habita todo o poder da divindade.

Sendo assim, a possibilidade de Cristo voltar literal e fisicamente a Terra torna-se perfeitamente possível. Se Cristo houvesse descartado Seu corpo para entrar nos céus, não poderíamos ter uma vinda física e corporal dEle.

Esse Jesus... virá do mesmo modo como o vistes partir

Uma vez estabelecido pela Escritura que o Senhor Jesus Cristo, o Logos divino, continua sendo Deus e homem ao mesmo tempo, possuindo o mesmo corpo físico; uma vez que Ele vai realmente voltar, então, é de se esperar que haja textos que falem sobre o assunto. Os textos que falam sobre a Segunda Vinda de Cristo, são poucos, espalhados e resumidos em detalhes. O que mais vamos encontrar são passagens com orientação temporal, que falam do que iria acontecer naquela geração dos discípulos. A Segunda Vinda de Cristo está associada com a ressurreição dos mortos. Está num futuro provavelmente muito distante até que as nações se convertam a Cristo. O texto que eu acredito ser o principal propulsor para

entendermos como se dará a Segunda Vinda de Cristo, é o que deu início ao tópico anterior. Vejamos novamente:

“Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos.

E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu **virá do modo como o vistes subir**”.

(Atos 1:9-11 – o grifo é meu)

É incrível, e até me deixa pasmo, como os defensores do Preterismo Completo conseguem distorcer esse texto e dizer que Jesus não voltará fisicamente. Em outra ocasião eu escrevi que qualquer pessoa leiga, intelectual, professor de português ou até mesmo um analfabeto funcional, conseguirá ver que Atos 1:9-11 fala de uma vinda literal de Cristo. Até mesmo J. Stuart Russell, o estudioso preterista completo, admitiu que Atos 1:9-11 ensina sobre uma vinda literal de Cristo:

“As palavras, no entanto, implica que esta vinda é para ser visível e pessoal, o que excluiria a interpretação que considera como providencial, ou espiritual”.⁵⁶

Embora o texto seja bem claro sobre uma Segunda Vinda de Cristo, uma análise mais profunda mostrará outros detalhes surpreendentes. Primeiro, porque precisou dos *“dois varões vestidos de branco”* acrescentar o fato de que Jesus voltaria? Ora, os discípulos já estavam bem cientes de que Jesus voltaria ainda naquela geração, para julgar e punir Israel (Mateus 16:27-28; 21:40-41, 43-45; 24:30). Então, a fala dos dois varões vestidos de branco trata-se de algo novo que até então os discípulos não conheciam.

Outro detalhe, porque os dois varões vestidos de branco precisariam acrescentar detalhes sobre como essa vinda seria, ao dizerem: “*virá do modo como o vistes subir*”? Vamos analisar o que outras traduções dizem:

“Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir”.

(Almeida Corrigida e Revisada Fiel)

“...voltará da mesma forma como o viram subir”.

(Nova Versão Internacional)

“...voltará do mesmo modo que vocês o viram subir”.

(Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

“...e algum dia, tal como foi, Ele voltará!”

(Bíblia Viva)

“...assim virá, na [mesma] maneira como vós O vistes indo para dentro do céu”.

(Bíblia LTT – Bíblia Literal do Texto

Tradicional – baseada no Textus Receptus)

No grego é literalmente “*na maneira em que*”, “*como*”, “*tal como*”, ou seja, a ideia que o texto dá é a de um efeito reverso. Na narrativa Cristo está subindo, na volta, Ele faz o caminho inverso, pois estará descendo do céu. Ao subir ao céu, vai com um corpo físico glorificado, na volta, vem com o mesmo corpo e cheio de glória. Na ideia do Preterismo Completo Ele está subindo com um corpo físico glorificado, mas, na volta, estaria voltando invisivelmente e já sem o corpo físico. Para o Preterismo Completo essa vinda foi o dia da destruição de Jerusalém em que Cristo teria voltado segunda vez para juízo.

Um outro detalhe desmente o Preterismo Completo; é o do tempo dessa vinda. Diferente das palavras de Jesus nos evangelhos, os varões vestidos de branco não informam que os discípulos seriam testemunhas dessa volta de Cristo:

“Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu **virá do modo como o vistes subir**”.

(Atos 1:11 – o grifo é meu)

Apenas está em jogo que os discípulos o viram subir, não que eles veriam essa Segunda Vinda. E nem há qualquer informação sobre quem O veria voltando e quando. Sobre a questão de que “*uma nuvem o encobriu dos seus olhos*”, temos aqui na narrativa uma nuvem literal. É diferente de Mateus 24:30 e Apocalipse 1:7 em que o vir “*com as nuvens*” é uma metáfora de vir em juízo contra Jerusalém no ano 70 d.C. A nuvem está presente aqui em Atos como um elemento literal da narrativa. Obviamente os céus possuem nuvens quase todos os dias. Não seria diferente no dia da Ascensão e no dia da Segunda Vinda. O próprio fato dessa nuvem aparecer nessa narrativa de Atos 1 indica o de cumprimento de Daniel 7:13-14, em que Cristo é entronizado como Rei:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele.

E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído”.

Aqui Daniel vê a Ascensão de Jesus Cristo do ponto de vista do céu. Em Atos 1 os discípulos a veem do ponto de vista da Terra. Ao subir ao céu Cristo foi entronizado como Rei:

“Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus”.

(Marcos 16:19)

Não é possível diante de tanta literalidade no texto acreditar que Jesus poderia vir de modo diferente. É assim que os defensores do

Preterismo Completo creem, ou seja, que Jesus sobe literalmente ao céu com seu corpo físico, mas volta de maneira diferente. Se este fosse o caso, os varões poderiam terem sido mais cristalinos e dizerem que Jesus *“virá de modo **DIFERENTE** como o vistes subir”*. O que está em jogo aqui é que algo novo está sendo falado. Como eu já disse anteriormente, os discípulos estavam somente cientes da forma como Jesus iria vir em julgamento contra Jerusalém. E, lembrando, na narrativa de Atos 1:9-11 estamos num tempo pós-ressurreição em que os discípulos tiveram mais esclarecimentos da parte de Jesus: *“Ihes abriu o entendimento para que pudessem compreender as Escrituras”* (Lucas 24:45).

No texto de Atos 1:9-11 temos também a ideia de que Jesus está sendo “tirado dos discípulos”, e mais à frente, em Atos 3:21, é dito que Cristo *“deve permanecer no céu”* até a restauração de tudo. A ideia aqui é que o homem, Cristo Jesus, está espacialmente distante dos discípulos. É muito interessante que em Atos 3:21 Jesus é visto como que estando espacialmente distante dos discípulos quando se diz que *“convém que o céu o **contenha**”*. Temos, aqui, a ideia de Cristo contido num lugar chamado céu. Embora como Deus Ele seja onipresente, mas seu corpo físico glorificado, como um homem, ocupa espaço e está espacialmente longe dos discípulos.

E por ser um elemento novo que está sendo acrescentado em Atos 1:11, encontramos mais dessa revelação nas cartas do apóstolo Paulo. O apóstolo chama de *“mistério”* o dia da Segunda Vinda de Cristo:

“Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”.

(1ª Coríntios 15:51,52)

Como judeus, os discípulos acreditavam que haveria uma ressurreição no último dia, com a chegada do Messias. O Messias traria em Sua vinda um Novo Mundo. Após a ressurreição, os discípulos já estavam entendendo que convinha que Cristo primeiro morresse e ressuscitasse para depois, na consumação, voltar. Observe que Paulo ensina que no momento da ressurreição muitos estarão vivos. O fato de serem transformados e não dormirem (ou passarem pela morte), sugere a continuação deste corpo físico, mas de uma maneira glorificada tal como Cristo.

Um texto que tem uma certa ligação com Atos 3:20-21 é 1ª Coríntios 15:22-26:

“Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.

Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda.

Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força.

Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés.

Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte”.

Nesses versículos temos um efeito progressivo da obra de Cristo no decorrer da história, semelhante ao encontrado em Atos 3:20-21. Se o último inimigo é a morte física, logo, os demais inimigos são derrotados antes do dia da ressurreição final. Assim, progressivamente na história as coisas vão sendo restauradas à medida que o Reino cresce entre as nações, depois, Cristo virá.

O texto de 1ª Tessalonicenses 4:13-17 mostra exatamente que Jesus virá do modo que subiu (observe as partes grifadas):

“Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança.

Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele.

Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem.

Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor”.

Observe que o texto traz ideia de que Jesus “*descerá do céu*”, e também, a questão de que estamos espacialmente distante dEle, pois somente na ressurreição ou no arrebatamento é que “*estaremos sempre com o Senhor*”. O apóstolo Paulo está aqui em perfeita harmonia com Atos 1:9-11. A Segunda Vinda de Cristo é algo que até então estava obscura para os judeus do Antigo Testamento.

É muito interessante que o Novo Testamento faz clara distinção entre o Senhor estar **ESPACIALMENTE** longe (seu corpo físico longe dos discípulos), como estar apenas espiritualmente perto (através do Espírito Santo). Em João 14:16-18 o Senhor disse que não deixaria os discípulos órfãos quando fosse para o Pai, mas através do outro Consolador, o Espírito Santo, Ele deixa claro que: “*Não vos deixarei órfãos, VOLTAREI para vós outros*”. Isto se cumpriu no dia de Pentecostes e a presença do Espírito Santo está em todos os que cremos, em todos os dias, em todas as eras. Se o Senhor através do Espírito Santo estava com os primeiros discípulos, para que, então, um arrebatamento ou volta de Cristo apenas espiritual (e não literal) que ocorreria no ano 70 d.C. (como se ensina no Preterismo Completo)? Se a ideia de se encontrar com o Senhor nos ares refere-se a algo não literal (mas apenas espiritual), para que precisaríamos de

uma Segunda Vinda como essa? Para que estar com o Senhor se Ele já está conosco? Uma Segunda Vinda para estarmos para sempre com o Senhor só faz sentido porque **ESPACIALMENTE** estamos distantes dEle fisicamente, embora espiritualmente Ele está em nós.

Conclusão

Ficou claro aqui que uma evidência exegética e contextual do Sermão profético de Mateus 24, sugere fortemente que Jesus não separa as questões dos discípulos em dois eventos separados: um no 70 d.C. e outro na Segunda Vinda. Pelo contrário, os discípulos entenderam que em todo o Sermão Profético Jesus os alertava sobre Sua vinda em juízo na destruição do templo, que para eles, significava a destruição de seu mundo. Tal era o foco judeo-cêntrico. Todavia, no Sermão profético tiramos uma lição de que virá *“tribulação e angústia sobre todo ser humano que persiste em praticar o mal, em primeiro lugar para o judeu, e, em seguida, para o grego; porém, glória, honra e paz para todo aquele que perseverar na prática do bem; primeiro para o judeu, depois para o grego”* (Romanos 2:9-10).

Fora o Sermão profético, aprendemos que a Segunda Vinda de Cristo não depende desse Sermão, mas de outros textos espalhados pelo Novo Testamento. A realidade dessa vinda depende da literalidade da Ressurreição e Ascensão de Cristo. Este assunto não se esgota por aqui. Por isto, sugiro o tópico *“Obras importantes para pesquisa”* no final deste e-book.

Bibliografia

1. AD 70 AND THE SECOND ADVENT IN MATT 24
Autor: Kenneth L. Gentry Jr.
Blog: www.postmillennialismtoday.com
Acessado Sexta-feira, 28 de Abril de 2017
2. Idem nº 1.
3. Idem nº 1.
4. Livro: A Parousia, escrito em 1878.
Autor: James Stuart Russell
Tradução de Roman M. Quiros
Versão eletrônica em espanhol disponível no site:
http://www.preteristarchive.com/Books/1878_russell_parusia.html
Acessado Terça-feira, 31 de Janeiro de 2017
5. Artigo: Um Será Levado
Autor: Jonathan Crosby
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Traduzido em março/2008.
Fonte: <http://www.letgodbettrue.com>
Publicado no site www.monergismo.com
6. Idem nº 1.
7. Idem nº 1.
8. Artigo: LUKE 17 VERSUS MATT 24
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Site: <https://postmillennialismtoday.com/2015/10/21/luke-17-versus-matt-24/>
Acessado Terça-feira, 06 de Junho de 2017
9. Idem nº 8.

10. Idem nº 1.
11. Idem nº 1.
12. Milton Terry. *Biblical Hermeneutics*, p. 468b.
13. Idem nº 1.
14. Idem nº 1.
15. Idem nº 1.
16. Idem nº 1.
17. Idem nº 1.
18. E-book: Mateus 24 e a Vinda de Cristo
- Comentário versículo por versículo –, pg. 65.
Autor: César Francisco Raymundo
Revista Cristã Última Chamada
Edição especial nº 023.
Site: www.revistacrista.org
19. O Universo em Colapso na Bíblia
- eventos literais ou metáfora poderosa? -
Autor: Brian Godawa
Tradução: Thiago R B M
- Revista Cristã Última Chamada -
Edição Especial Nº 017
Site: www.revistacrista.org
20. Idem nº 1.
21. Artigo: Aguardando Novos Céus e Nova Terra:
Um Estudo de 2 Pedro 3
Autor: David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Site: www.monergismo.com

22. Revista Cristã Última Chamada, página 9.
Abril de 2012
Seção: Parábolas do Reino
Parábola Usada para Aterrorizar os
Crentes de Hermes C. Fernandes
Site: www.revistacrista.org
23. E-book: Lucas 21, o Preterismo e o Apocalipse..., pg. 39.
Autor: César Francisco Raymundo
Revista Cristã Última Chamada
- Edição Especial 029 –
Site: www.revistacrista.org
24. The Significance of A.D. 70 Study Archive
Site:
<https://www.preteristarchive.com/category/significance-of-ad70/>
Acessado Sexta-feira, 09 de Junho de 2017
25. Idem nº 24.
26. Cultures of the Jews: A New History, p. 305
27. When Jerusalem Burned: The Catastrophic Day when the Romans Destroyed the Great Temple and Jerusalem Itself, Fr., 1970
28. Idem nº 24.
29. Cultures of the Jews: A New History, p. 117
30. Cultures of the Jews: A New History, p. 163
31. Culturas de Os judeus: uma nova história, p. 167
32. Idem nº 24.

33. São Atanásio, Cartas [vi]
34. Eusébio, Demonstratio Evangelica, X
35. On Matt. 21: 33-46
36. Idem nº 24.
37. Grand Rapids: Eerdmans, [1883] 1971) 2:449
38. Jesus and Victory of God, pp. 343-344. Fortress Press, 1996
39. Flávio Josefo, Guerras, Prefácio, 1
40. Flávio Josefo, Guerras, Prefácio, 4
41. Flávio Josefo, Guerras, 5:10:5
42. Artigo: Revelation's Theme and AD 70
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Site:
<https://postmillennialismtoday.com/2013/12/06/revelations-theme-and-ad-70-2/>
Acessado Sexta-feira, 09 de Junho de 2017
43. Idem nº 42.
44. Artigo: O que é o Gnosticismo Cristão?
Fonte:
<https://www.gotquestions.org/Portugues/Gnosticismo-Cristao.html>
Acessado Sábado, 10 de Junho de 2017
45. Idem nº 44.
46. Livro: Evidência que Exige um Veredito, pg. 162.

-Evidências históricas da fé Cristã –

Autor: Josh McDowell

Copyright © 1972 - Campus Crusade for Christ, Inc.

Editora Candeia

47. Idem nº 46.

48. Idem nº 46.

49. Idem nº 46.

50. Idem nº 46.

51. Idem nº 46.

52. Idem nº 46.

53. Idem nº 46.

54. E-book: O perigoso "jesus" do Preterismo Completo, pg. 9.
de Don K. Preston

Autor: Sam Frost

Publicado em Março de 2017 pela

Revista Cristã Última Chamada.

Site: www.revistacrista.org

55. Idem nº 54, pg. 12.

56. J. Stuart Russell, A Parusia , 147.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org

